

HERBERT BALDUS: VIDA E OBRA INTRODUÇÃO AO INDIGENISMO DE UM AMERICANISTA TEUTO-BRASILEIRO*

Orlando Sampaio-Silva**

SAMPAIO-SILVA, O. Herbert Baldus: vida e obra — Introdução ao indigenismo de um americanista teuto-brasileiro. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*. S. Paulo, 2:91-114, 1992.

RESUMO: Herbert Baldus foi um antropólogo teuto-brasileiro que exerceu importante papel na constituição da pesquisa e dos conhecimentos antropológicos no Brasil. Seu trabalho científico se desenvolveu intimamente ligado ao curso de sua própria vida, que transcorreu, em sua maior parte, neste país, dedicada ao ensino, à pesquisa, à divulgação científica e à tentativa de instituir uma política indigenista comprometida com a preservação das etnias indígenas. A contribuição de seu pensamento teórico, tendo iniciado com explanações sobre as culturas materiais e não materiais, passou por abordagens funcionalistas e estruturalistas, lançando as bases dos estudos das sociedades indígenas em situação de contato e de mudança cultural.

UNITERMOS: Vida — Obra — Indigenismo — Preservacionismo — Situação de contato — Mudança cultural.

A pesquisa científica e a produção de obras antropológicas, tendo por objeto de estudo as sociedades indígenas existentes no território brasileiro, estão inseparavelmente ligadas aos trabalhos desenvolvidos por pensadores e cientistas alemães. O exemplo da acuidade científica na observação e na interpretação dessas sociedades propiciado por Karl von Martius, viria a reproduzir-se, em contextos sociais e históricos posteriores, nas atividades científicas de Karl von den Steinen, Kurt Nimuendajú e de Herbert Baldus, além de outros. Estes dois últimos pesquisa-

dores vieram a ocupar posições fundamentais, exercendo decisiva influência, através de suas pesquisas e de suas obras, na orientação que viriam a tomar, no Brasil, as investigações no campo da Antropologia indígena, e, de alguma forma, na formação dos primeiros antropólogos brasileiros que se dedicaram àqueles estudos, bem como no delineamento dos aspectos positivos (entre tantos negativos contra os quais se insurgiram) do indigenismo oficial.

Herbert Baldus nasceu a 14 de março de 1899, em Wiesbaden, Alemanha. Era filho de Martin (matemático) e Carolina (de uma família de armadores) Baldus. A obra de Baldus está intimamente ligada a sua vida. Quando a Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918) se aproximava de seu término, Baldus, aos 18 anos de idade, veio a integrar o Corpo Real de Cadetes de seu país, em Potsdam, como

(*) Trabalho originalmente apresentado no Simpósio "Pesquisa antropológica de urgência e direitos dos povos indígenas face aos Estados", 47º Congresso Internacional de Americanistas, 7-11/7/1991, New Orleans, USA.

(**) Universidade Federal do Pará.

aviador, tendo, como tal, participado daquela hecatombe. Este episódio, em sua vida de jovem, propiciou-lhe a produção de poemas centrados na temática da guerra.

Em 1921, viajou para a Argentina, vindo, assim, aventurar-se, sem objetivos específicos claramente definidos, na América do Sul. Mudou-se, em 1923, para São Paulo, no Brasil, e, neste mesmo ano, visitou os índios Xamakoko, Kaskihá e Sanapaná, do Chaco, Paraguai, como participante, então, de uma expedição cinematográfica. Esta viagem despertou, definitivamente, em Baldus, o interesse pelas regiões distantes da civilização e pelos estudos antropológicos tendo por objeto os povos indígenas, dando, assim, os primeiros passos em sua carreira profissional como etnólogo. A esta profissão ele se dedicou, com ânimo incomum, até sua morte ocorrida em São Paulo, a 24 de outubro de 1970.

O contato com aqueles primeiros povos indígenas que observava propiciou-lhe material etnográfico para a publicação de seu primeiro artigo sobre a temática indígena, intitulado “Os índios Chamacoco” (1927). Só no ano de 1927, Baldus voltaria a estar com índios, ao visitar os Guarani, no litoral paulista, para, logo no ano seguinte, retornar ao Chaco, onde realizou nova abordagem junto aos Xamakoko, os Kaskihá e os Sanapaná.

Estas últimas visitas de observação permitiram a Baldus publicar seu primeiro artigo sobre índios Guarani (“Ligeiras notas sobre os índios Guarany do litoral paulista”, 1929), e, diversos trabalhos sobre aqueles grupos indígenas do Chaco.

Incentivado pelo êxito de suas primeiras expedições ao campo, Baldus, ainda em 1928, retornou à Alemanha, para formalizar seus estudos de Etnologia, na Friedrich-Wilhelm-Universität, de Berlim. Neste centro de estudos superiores, seu mestre de Etnologia foi Richard Thurnwald, tendo aí também realizado estudos americanistas com Konrad Theodor Preuss e Walter Lehmann, e estudado Filosofia com Heinrich Meier, Desoir, Lieber e Spranger, vindo a conquistar o título de Doutor em Filosofia.

Quando estudante, em 1931, publicou, em Leipzig, seu primeiro livro etnográfico, intitulado *Indianerstudien im nordöstlichen Chaco*, tendo por objeto aqueles três grupos

tribais do Paraguai (Xamakoko, Kaskihá e Sanapaná) com os quais já havia estado duas vezes, anos antes.

Dando asas ao seu espírito literário, Baldus, estudante em Berlim, produziu alguns textos, entre os quais se destacou uma novela biográfica baseada na vida da mulher do caudilho paraguaio Solano Lopes — “Madame Lynch” —, publicada em 1931.

Inconformado e se sentindo ideologicamente incompatibilizado com a ascensão do Nacional Socialismo (Partido Nazista) ao poder, na Alemanha, Baldus, um autêntico democrata-liberal-progressista — como demonstraria ao longo de toda sua existência —, deixou seu país, em 1933, transferindo-se definitivamente para o Brasil, onde morou pelo resto de sua vida. Hans Becher (1972: 1308), a propósito deste fato, informa que “The Nazis burnt his books and deprived him of his German citizenship”. Os nazistas não perdoariam, assim, esse humanista amante da liberdade.

No mesmo ano em que retornou ao Brasil, Baldus, subvencionado pela Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaft (Sociedade Assistencial de Ciência Alemã), de Berlim, empreendeu uma expedição ao sul do país, visitando os Kaingang, de Palmas, no Paraná, no leste do Paraguai. Com estes índios, esteve, nesta oportunidade, à procura de um grupo local Guayaki, então, ainda isolado. Nesta mesma expedição, esteve, por curto espaço de tempo, com os índios Xiripá. Com bases nas observações realizadas ao longo dessa expedição científica, Baldus veio publicar diversos artigos sobre os grupos visitados no Brasil e principalmente no Paraguai. Destacam-se entre esses artigos o “Sprachproben des Kaingang von Palmas” (1933), o “Sinopse de cultura guayaki” e o “The Guayaki”, sendo este último em colaboração com Alfred Métraux, trabalhos que exibiram um pesquisador sobretudo arguto na observação de campo e nos registros dos padrões sociais e culturais dos povos indígenas visitados, aspectos estes que viriam a caracterizar toda sua obra antropológica.

Os interesses científicos de Baldus eram amplos, o que o levou a imiscuir-se nos estudos de diferentes campos da Antropologia. Este traço destacado de sua obra já ficou bem claro, quando, em 1934, dirigiu-se ao

Estado de Mato Grosso, tendo, nesta expedição, estado, pela primeira vez, em contato com os Índios Terena e com os Bororo, de Meruri e do Sangradouro; nesta oportunidade, também esteve observando as pinturas rupestres existentes em Sant'Ana da Chapada, demonstrando, então, interesse na área da Arqueologia. E, como aconteceu, em geral, na vida do pesquisador, suas observações de campo foram logo aproveitadas para a elaboração de artigos, que foram levados a lume, como é o caso, por exemplo, do artigo que foi publicado no *Ethnologischer Anzeiger*, IV, Stuttgart, sob o título "Die Erbfolge der Häuptlinge bei den Tereno", "As pinturas rupestres de Sant'Ana da Chapada (Mato Grosso)" (1937).

Baldus voltou, em 1935, a Mato Grosso, subvencionado pelo dr. Samuel Ribeiro, por intermédio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, para prosseguir os estudos sobre os Bororo, desta vez, os Tóri-páru, vindo, então, também, a iniciar suas observações etnológicas entre os índios Karajá, da Ilha do Bananal, no rio Araguaia, e entre os Tapirapé. Para atingir este grupo, Baldus partiu da Ilha de Bananal e seguiu de canoa pelo rio Tapirapé até a aldeia Tampiitaua, daqueles índios. Wagley (1980) informa que "Sua (de Baldus) experiência real de campo entre os Tapirapé estava limitada a cerca de seis semanas em 1935 e ainda mais um curto período em 1947".¹

Estava definitivamente estabelecida uma das principais características do trabalho científico de Baldus, ou seja, seu interesse pelos estudos de um grande número de grupos indígenas, ao invés de tornar-se um especialista, exclusivista, em um único grupo, orientação dominante essa que lhe valeu tornar-se um dos mais expressivos conhecedores dos grupos indígenas do Brasil, com base na sua própria experiência de pesquisa de campo. Assim, ampliando a divulgação de seus estudos sobre a pluralidade de sociedades indígenas, publicou, em 1937, um interessantíssimo ensaio sobre "A posição social da mulher entre os Bororos Orientais" (Baldus, 1937).

Baldus voltou aos Tapirapé em 1947 —

cf. foi referido anteriormente em citação de Wagley. As permanências com estes índios propiciaram ao pesquisador o registro de um volume tão abundante de informações, que pôde produzir sua obra mais alentada em Etnologia e da maior importância em sua bibliografia, tal seja o *Tapirapé — Tribo tupi no Brasil Central* (1970), ou, cf. Hans Becher (1972), "His later monograph on the Tapirapé became his most significant book".

Suas visitas aos Karajá levaram-no a interessar-se por um dos aspectos mais simbólicos e esteticamente insólitos da cultura material desse povo, as bonecas calipígias de cerâmica, tendo publicado, logo em 1936, o artigo "Licocós, as bonecas dos Carajás".

Em 1937, reunindo em um volume diversos trabalhos, Baldus publicou uma de suas obras mais importantes, os *Ensaios de Etnologia Brasileira*, contendo oito ensaios, com os seguintes títulos: "Etnologia Brasileira" (pp. 17-28), "O culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas" (pp. 29-69), "A sucessão hereditária do chefe entre os Tereno" (pp. 70-85), "Os grupos de comer e os grupos de trabalho dos Tapirapé" (pp. 86-111), "A posição social da mulher entre os Bororo Orientais" (pp. 112-162), "O professor Tiago Marques e o caçador Aipoburéu" (pp. 163-186), "Mitologia Karajá e Tereno" (pp. 187-275) e "A mudança de cultura entre índios no Brasil" (pp. 276-321). Este livro extremamente rico, tanto do aspecto teórico, quanto da apresentação e descrição de dados empíricos, Baldus dedicou "Ao grande conhecedor dos índios no Brasil Curt Nimuendajú".

Já com uma significativa experiência acumulada de pesquisas etnológicas, Baldus, em 1939, assumiu a cadeira de Etnologia Brasileira, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, a convite de Antônio Rubbo Müller (cf. este professor), tendo lecionado no período mais brilhante da vida deste estabelecimento pioneiro no ensino e na pesquisa em Ciências Sociais, no Brasil. Através do periódico *Sociologia*, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo — FESPSP — (no qual era o diretor da "secção etnológica"), Baldus divulgou muitos de seus estudos, dentre os quais queremos registrar os diversos artigos com "sugestões para pesquisas etnográficas". Na FESPSP, Baldus dirigiu o *Seminário sobre os Índios no Brasil*,

(1) Texto produzido para a comemoração do décimo aniversário do falecimento de Baldus.

e esteve vinculado a esta instituição — embora não lecionando aí de forma contínua —, até sua morte (cf. A. Rubbo Müller, em depoimento pessoal). Nos cursos e seminários que dirigiu na Sociologia e Política, foram, de uma forma ou de outra, seus discípulos algumas pessoas que vieram a ocupar lugares da maior importância nas ciências sociais, no Brasil (alguns com renome internacional), entre estes: Oracy Nogueira (mestre em 1945), Gioconda Mussolini (idem), Virginia Leone Bicudo (idem), Lucila Hermann (mestre em 1946), Florestan Fernandes (mestre em 1947), Fernando Altenfelder Silva (mestre em 1949), Levy Cruz (mestre em 1951), Sérgio Buarque de Holanda (mestre em 1958), Darcy Ribeiro, Juarez Barandão Lopes, Cândido Procópio Ferreira de Camargo, Alfonso Trujillo Ferrari, Egon Schaden, João Baptista Borges Pereira, David Maybury-Lewis, Roberto Cardoso de Oliveira.²

Ampliando seu campo de interesses nos estudos sócio-antropológicos, Baldus, em companhia de Emília Willems e de alunos da Escola de Sociologia e Política, dirigiu-se ao vale do Ribeira de Iguape, no Estado de São Paulo, para estudar as manifestações sócio-culturais, em especial a *mudança cultural*, no grupo de imigrantes japoneses estabelecido nesta área. Como consequência dessa expedição, Baldus veio a publicar, em colaboração com Willems, o artigo “Casas e túmulos de japoneses no vale da Ribeira de Iguape” (1941). No mesmo ano da publicação desse trabalho, Baldus naturalizou-se brasileiro, adotando, dessa forma, definitivamente, o Brasil como sua segunda pátria.

Empolgado com a questão da pré-história americana, Baldus, em 1944, retorna à pesqui-

sa arqueológica, ao proceder escavações em sítios no Estado do Paraná. Fez explanações descritivas e análises interpretativas da parte gráfica e decorativa em cacos de cerâmica, então, encontrados, na bacia do rio Paranapanema, estudo que apresentou em “Tonscherbenfunde in Nordparaná” (1951/52).

Dois anos depois, dando prosseguimento a suas pesquisas etnológicas de campo, visitou os índios Kaingang do Ivaí, no Paraná, quando fez registros sobre a mitologia desse povo — vindo a publicar logo a seguir o artigo “Os Kaingang do Ivaí” (1947) — e procedeu a discutíveis aplicações de testes psicológicos projetivos entre aqueles índios. Este trabalho foi procedido com o apoio e a orientação da psicóloga Aniela Ginsberg, que realizou a interpretação psicológica dos testes aplicados por Baldus em um grupo sexualmente misto de 32 Kaingang. A parte de campo foi realizada exclusivamente por Baldus. O resultado destes estudos foi divulgado através do artigo: “Aplicação do psicodiagnóstico de Rorschach a índios Kaingang” (1947). Cícero Christiano de Souza (1953) narra, em cores vivas, a história desses testes: “O material cuja análise vai ser apresentada neste trabalho tem uma história complicada. Foi colhido pelo Prof. Herbert Baldus, em maio-junho de 1946, durante uma viagem ao Ivaí, subvencionada pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Foram os protocolos entregues à Dra. Aniela Ginsberg, que fez sua análise. *A Revista do Museu Paulista* publicou, em 1947, um artigo de autoria, parte de Baldus e parte de Ginsberg, no qual são relatadas pelo primeiro as peripécias da obtenção do material, e pela última, a análise do mesmo.

“O Prof. Baldus, todavia, não ficou inteiramente satisfeito com a interpretação de Ginsberg, parecendo-lhe que os resultados por ela apresentados não correspondiam à realidade psicológica que ele, antropólogo, tinha podido observar direta e concretamente. Pediu-me, então, que re-analisasse os protocolos, que me foram entregues no começo de 1948. Como nessa ocasião, devia eu ir para os Estados Unidos trabalhar num hospital de que Douglas Kelly era diretor, resolvi levá-los comigo para que esse mestre do Rorschach tomasse parte em sua análise. ... Sendo eles escritos em português, servia eu de intérprete obrigatório. Kelly convidou também Joseph

(2) Charles Wagley (1980) revela que “Herbert Baldus foi de início meu professor (apesar de nunca ter estado formalmente com ele)...”. Por sua vez, o autor do presente ensaio, quando fez seus estudos de pós-graduação em antropologia, na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, não teve o privilégio de contar com Baldus entre seus professores, porque ele se encontrava inativo naquela Escola à época (1964-65); porém, teve a satisfação de conhecê-lo pessoalmente, de privar de sua palestra inteligente, em visita ao seu gabinete de trabalho, no alto do Museu Paulista (USP), e de participar com o mesmo de eventos científicos.

Grassi, professor de Psicologia Clínica, para colaborar conosco. ... A apuração ia ainda a meio caminho quando Kelley mudou-se de Winston-Salem, onde estávamos, para Berkeley, onde foi ser diretor da Escola de Criminologia da Universidade da Califórnia. Grassi, que nunca estivera muito interessado no trabalho, também o abandonou nessa ocasião. Tínhamos, então, apurado exatamente a metade dos protocolos, ou seja, 16 dentre os 32...

"Continuei sozinho a fazer a análise e, algum tempo depois de voltar ao Brasil, discuti com o Prof. Baldus os resultados a que chegara (com ou sem a colaboração de Kelley e de Grassi). Pareceu-lhe que esses resultados estavam mais de acordo com suas próprias observações, pensando ele que deveriam ser publicados. "Eu próprio não tinha o mesmo entusiasmo de Baldus, por várias razões. A mais importante é que, devido às enormes dificuldades da administração, foi esta muito defeituosa. Torna-se, por isso, extremamente difícil analisar de maneira bem precisa um grande número de respostas, o que dá à interpretação final uma margem de erro bastante apreciável. Fiquei, pois, em dúvida quanto à vantagem de publicar um material dessa natureza, sobretudo depois de já ter sido uma vez analisado. Baldus, contudo, insistiu sempre em sua publicação, convencendo-me, enfim, a fazê-la" (Souza, 1953). Ao procedermos essa longa citação, o fazemos por sua propriedade como testemunho histórico de um episódio incomum na vida de Baldus, mas, também, como um exemplo dos caminhos incertos pelos quais um trabalho científico não deve trilhar. O próprio Baldus, como era de se esperar, viria, mais tarde, a penitenciar-se, quando, em seu conspícuo estudo sobre o xamanismo (1965/66), assim se pronunciou: "Mesmo as técnicas projetivas como os psicodiagnósticos de Rorschach e Mira Y Lopez, aplicados por mim, em 1946, a índios Kaingang, impõem, usadas fora da nossa cultura, tantas restrições que não me parecem recomendáveis" (Baldus, 1965/66).

Baldus foi convidado, pelo Governo de São Paulo, para organizar as coleções do Museu Paulista, em 1946, e alguns meses depois desse convite, aquele mesmo governo confiou-lhe a direção da Seção de Antropologia do mesmo Museu. A partir de então, Baldus editou a *Revista do Museu Paulista*, tendo sido

publicado, em 1947, o volume I da Nova Série deste que é um dos mais importantes periódicos no campo da Antropologia editados no Brasil. Através dessa Revista, alguns dos mais importantes trabalhos científicos de Baldus vieram a lume, conforme pode ser constatado na bibliografia desse autor que compõe este artigo. Baldus permaneceu naquela função pelo resto de sua vida.

Em 1947, Baldus desenvolveu intensas atividades de pesquisa. Na primeira metade do ano, esteve com outro grupo Kaingang, o de Icatu, em São Paulo, e com outro grupo Terena, o de Araribá, também neste Estado; nos meses de junho, julho e agosto, convidado pelo Serviço de Proteção aos Índios, visitou aldeias dos índios Karajá, da ilha do Bananal — Goiás — e de Mato Grosso, bem como esteve, em curta estada (cf. foi referido anteriormente), novamente com os Tapirapé, do rio Tapirapé, Mato Grosso. Nessas visitas, Baldus representava o Museu Paulista e a Escola de Sociologia e Política, e estava acompanhado do médico Haroldo Cândido de Oliveira. O relatório que Baldus produziu para o S.P.I., em decorrência desta última viagem, apareceu publicado na *Revista do Museu Paulista*, N.S., Vol. II, 1948. Contém críticas severas ao Serviço de Proteção aos Índios, oferece sugestões extremamente sérias ao indigenismo brasileiro, e contém preciosas informações etnológicas sobre os vários grupos locais Karajá e Tapirapé que visitou. Refere-se à "natureza morta" da aculturação, quando fala do uso pelos Karajá de panela de ferro — que substitui a de barro — e, sapato de couro, objetos originários da influência dos brancos. Faz críticas à implantação da escola de nossa sociedade nas sociedades indígenas e lembra o caso do índio Bororo professor Tiago Aipoburéu em processo de alienante decadência;³ critica também a ação dos catequistas religiosos, por sua influência negativa nas sociedades visitadas. Fala da inconveniência do uso pelos índios de vestuário levado pelos bran-

(3) O caso desse índio Bororo foi exposto por Baldus no ensaio "O professor Tiago Marques e o caçador Aipoburéu" (in *Ensaaios de Etnologia Brasileira*, 1937). O mesmo tema foi retomado por Florestan Fernandes, quando, em 1945, escreveu o trabalho "Tiago Marques Aipoburéu: Um Bororo marginal", para o *Seminário sobre os Índios no Brasil*, dirigido por H. Baldus.

cos, por sua inadequação aos trópicos. Analisa a política de “administração direta” aplicada pelo S.P.I. (“pacificando as hostis e acabando as outras”) e pela tradição portuguesa e francesa, inclusive na África (“procurar substituir a cultura indígena pelas nossas instituições, conceitos e língua”), enquanto a “administração indireta” empregada nas colônias inglesas “conserva a cultura indígena o mais possível...”. Encontra os fundamentos doutrinários da “administração direta” no positivismo comteano, do qual Rondon era seguidor, sendo essa orientação teórica herdeira do pensamento evolucionista (pp. 162/3). Entre muitas recomendações e críticas, condena: a intervenção na economia tribal; construções de casas para índios pelo S.P.I.; a presença de ladrões de terras, mascates, turistas, caçadores brancos e de jornalistas e cinematografistas em aldeias indígenas. Baldus recomenda a realização de cursos, que preparem os funcionários do Serviço de Proteção aos Índios para lidarem com os povos indígenas (pp. 166/7/8).

O ano de 1949 foi particularmente intenso. Convidado pelo governo norte-americano, Baldus excursionou a diversas tribos de índios dos Estados de Arizona e New México, nos Estados Unidos, onde também visitou bibliotecas e museus. Foi eleito secretário do Comitê Executivo do XXIX Congresso Internacional de Americanistas, que se realizou em New York. Em São Paulo, neste mesmo ano, recebeu duas distinções: Medalha Tobias de Aguiar, que lhe foi conferida pelo Governo do Estado, e a Medalha Goetheana, que lhe foi agraciada pela Sociedade Goetheana daquele Estado. Ainda nesse ano, Baldus prefaciou a obra de Florestan Fernandes: *Organização Social dos Tupinambá*, vindo aquele prefácio a ser publicado, em outros veículos de comunicação, sob o título: “Etno-Sociologia brasileira” (1949) (conforme bibliografia de H. Baldus levantada exaustivamente neste estudo).

Nesse ensaio, Baldus faz uma síntese das contribuições de cronistas, missionários e viajantes para o conhecimento das populações tribais existentes no Brasil, desde Pero Vaz de Caminha até seus (de Baldus) contemporâneos; refere-se a von Martius como o “pai da Etnologia Brasileira”, por seu *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens* (1867), e, ao Pe. Colbacchini, como “o primeiro pesquisador de índios do

Brasil, que merece, até certo ponto, o nome de étno-sociólogo”, por sua monografia sobre os Borôro Orientais; sobre o autor prefaciado, Baldus diz que “foi a alma daquele Seminário (refere-se ao Seminário de Etnologia Brasileira, da Escola de Sociologia e Política de S. Paulo), mostrando-se capaz de discutir com rara penetração qualquer assunto apresentado e revelando-se um dos mais esperançosos cientistas sociais brasileiros da nova geração”. Tratando de tema semelhante, Baldus e Florestan Fernandes viriam a polemizar, mais tarde, em decorrência da publicação pelo primeiro, no Suplemento Literário nº 159, da edição de 28/09/59, de *O Estado de São Paulo*, sob o título “A Etnologia Histórica no Brasil”, de um comentário ao livro de Fernandes intitulado *A Etnologia e a Sociologia no Brasil* (1958). Neste artigo, Baldus parte de considerações a respeito do primeiro capítulo do livro — *Tendências teóricas da moderna investigação etnológica no Brasil* — e provocou uma forte reação do autor, através do artigo “A ‘Etnologia Histórica’ no Brasil” (notar para a repetição do título), publicado no Suplemento Literário nº 166, daquele mesmo diário paulista, edição de 23/01/60.

Ainda em 1949, com base nas observações que realizou na área do Araguaia, em anos anteriores, Baldus publicou, em Freiburg/Suíça, o artigo “Akkulturation im Araguaya-“Gebiet”, no qual aborda as questões de aculturação dos índios Karajá e dos Tapirapé, confrontando dados registrados na excursão de 1935 e os de 1947, constatando grandes alterações nas culturas daqueles povos.⁴

Em 1952, Baldus realizou, certamente, sua última pesquisa de campo entre grupos indígenas no Brasil, ao visitar os índios Kaingang de Nonoi e Guarita, bem como, os Mbyá-Guarani, também, de Guarita, no Estado do Rio Grande do Sul; no mesmo ano ele publicaria o “Breve notícia sobre os Mbyá-Guarani de Guarita”. Também neste ano, Bal-

(4) Baldus, altamente interessado na temática da aculturação e mudança cultural, abordou este tema em muitos de seus trabalhos, como, v.g., em: “A mudança de cultura entre índios no Brasil” (in *Ensaio de Etnologia Brasileira*, 1937) e “Was ist seit 1500 aus dem Indianer Brasiliens geworden?” (1962), entre outros. Neste último trabalho, estuda os comportamentos recíprocos entre índios e brancos desde 1.500, e as questões de mudança cultural.

us participou da Comissão Examinadora, na defesa da tese de doutoramento de Florestan Fernandes — *A função social da guerra na sociedade Tupinambá* —, na II Cadeira de Sociologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, dissertação essa que foi dedicada pelo autor a Baldus e Roger Bastide. Neste ano, particularmente movimentado, Baldus partiu para a Europa, onde visitou instituições culturais e científicas, bibliotecas, museus, em diversos países, a saber: Alemanha, Áustria, França, Dinamarca, Inglaterra, Suécia, Suíça, Espanha e Portugal. Nesta oportunidade, Baldus participou do XXX Congresso Internacional de Americanistas, em Cambridge, Inglaterra, onde representou o Governo brasileiro e foi eleito Vice-Presidente Honorário do conclave e secretário do seu Comitê Executivo. Neste evento, Baldus apresentou um trabalho sobre “Supernatural Relations with Animals among Indians of Eastern and Southern Brazil”.

Em 1953, Baldus participou, em São Paulo, do II Congresso Latino-Americano de Sociologia. Neste mesmo ano, foi realizada a I Reunião Brasileira de Antropologia, tendo Baldus sido eleito Presidente deste conclave dos antropólogos brasileiros. Baldus participou das cinco Reuniões Brasileiras de Antropologia seguintes, realizadas, respectivamente, em Salvador (1955), Recife (1958), Curitiba (1959), Belo Horizonte (1961) e São Paulo (1963). Baldus foi eleito o Presidente da Reunião de São Paulo e, na de Belo Horizonte, já havia sido eleito Presidente da Associação Brasileira de Antropologia — ABA, para o biênio 1961-1963.

No ano do IV centenário de São Paulo — 1954 —, Baldus organizou o XXXI Congresso Internacional de Americanistas, nesta cidade, pois era o Presidente da Comissão Organizadora deste congresso, que o elegeu Secretário-Geral do Comitê Executivo, conseqüentemente, membro do Conselho Permanente dos Congressos Internacionais de Americanistas, a partir de então. Ele participou, subseqüentemente, destes importantes conclaves internacionais até o XXXVII, que se realizou na Argentina, no qual, com Egon Schaden, coordenou o Simpósio sobre Aspectos Etnográficos de Culturas Indígenas do Brasil. Baldus participou e foi eleito Vice-Presidente do Comitê Executivo de diversos Congressos Inter-

nacionais de Americanistas organizados sucessivamente em Copenhagen (XXXII — 1956), São José da Costa Rica (XXXIII — 1958), Viena (XXXIV — 1960), México (XXXV — 1962) e na Espanha (XXXVI — 1964). Do XXXVII Congresso, Baldus, doente, não pôde participar, tendo sido, no entanto, eleito, na Alemanha, mais uma vez, seu Vice-Presidente, e o discurso que pronunciaria, então, foi lido por Schaden (em 1968).

Voltado para o intercâmbio científico e para a divulgação dos conhecimentos antropológicos, Baldus, com muita liderança, participou ativamente de muitos outros congressos científicos, tais como: IV Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, em Viena, no ano de 1952, no qual foi eleito membro do Conselho Permanente; Congresso de História, em São Paulo, 1954; III Congresso Mundial de Sociologia, apresentando a Sociedade Brasileira de Sociologia, Amsterdam, 1956; V Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, do qual foi o Vice-Presidente, Philadelphia, 1956; II Congresso Nacional de História, Lima, 1958; VI Congresso Internacional de Ciências Antropológicas, Paris, 1960, e do Simpósio “O Japonês em São Paulo e no Brasil”, no qual presidiu uma das sessões, em São Paulo, 1968, conclave no qual o autor desta Introdução foi o relator dos temas.

Editada pela Comissão do IV Centenário de São Paulo, saiu a lume o primeiro volume da importante *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira* (1964), de autoria de Baldus, que a apresentou ao Congresso Internacional de Americanistas, então reunido em São Paulo (cf. registro anterior). Este volume veio a ser reeditado — 2ª edição —, em Liechtenstein (1970). O segundo volume da *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, organizado por Baldus, foi publicado em Hannover (1968). Após a morte de Baldus, foi editado por Hans Becher, em Berlim, o volume III da *Bibliografia Crítica* (1984), nesta oportunidade, de autoria de Thekla Hartmann, que observou a mesma orientação metodológica adotada por Baldus nos volumes anteriores. Os dois volumes editados por Baldus contêm 2.834 trabalhos, nos diversos campos da Antropologia, apresentados e comentados sinteticamente, cobrindo toda a história da Etnologia Brasileira até 1967. O volume organizado

pela professora Thekla Hartmann — antropóloga que sucedeu a Baldus na direção da Divisão de Etnologia, do Museu Paulista —, dando seguimento à obra paciente, minuciosa e exaustiva do mestre, contém a apresentação de 1.765 trabalhos antropológicos publicados após os que figuram no segundo volume da Bibliografia. Thekla Hartmann, na *Introdução* a seu Volume, diz que “O maior legado de Herbert Baldus às gerações mais moças de pesquisadores foi, sem dúvida, a *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*”, e Hans Becher, no Prefácio a esse mesmo Volume, refere: “Espero que o três volumes da *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira* sejam proveitosos para as gerações presentes e futuras de cientistas e estudantes que se dedicam à etnologia no Brasil. Devem eles recordar-se sempre do excelente compêndio que lhes foi deixado por Herbert Baldus e Thekla Hartmann, num trabalho imenso combinado com conhecimentos profundos”.

Ainda em 1954, no artigo “Os Oti”, Baldus aborda a questão deste grupo indígena da região do rio Paranapanema, já, então, extinto. Apesar das diferenças sócio-culturais entre os grupos Xavantes de Mato Grosso e os Oti, Baldus refere-se a estes como os “Xavantes de São Paulo” e atribui a extinção destes índios ao confronto entre culturas, decorrente do encontro com os “brancos”, o que teria provocado um “choque cultural”.

A partir de 1955, Baldus foi membro correspondente da Sociedade Suíça de Americanistas. Aliás, foi reconhecido, por sua destacada contribuição ao desenvolvimento dos estudos antropológicos sulamericanos, por muitas entidades científicas, culturais e profissionais de diversos países, que o agraciaram com comendas ou o inscreveram nos quadros de seus filiados eméritos. Dessa maneira, Baldus era membro honorário do Real Instituto Antropológico da Grã Bretanha e Irlanda, da Sociedade Berlinense de Antropologia, Etnologia e Pré-história, da Sociedade Etnológica de Hannover e da Sociedade Antropológica de Viena. Também foi membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa. Era membro emérito do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e, *foreign fellow* da Associação Antropológica Americanista. Foi membro do Conselho Permanente da União Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas,

e, durante anos, integrou o Conselho Científico da Associação Brasileira de Antropologia. Baldus foi idênticamente distinguido, quando, em 1958, a Prefeitura do Distrito Federal lhe conferiu a Medalha Sílvio Romero; em 1960, a Sociedade Geográfica Brasileira lhe conferiu a Medalha Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, e, em 1964, foi agraciado pela Espanha com a Comenda de Isabel, a católica.

Em geral, nas oportunidades em que participou de eventos no exterior, Baldus estendeu sua viagem a outros países, para visitar instituições científicas. Dessa forma, em 1952, esteve em Portugal, Espanha, França, Alemanha, Suíça, Dinamarca, Suécia e Inglaterra. Quatro anos depois, voltou à Europa, para estar novamente na Alemanha, Suíça e Dinamarca, bem como, na Itália e na Holanda, estendendo sua viagem ao continente americano, onde visitou os Estados Unidos, o Equador e o Peru. Em 1958, visitou outros países hispano-americanos, tendo estado com grupos indígenas e observado ruínas arqueológicas no Peru, Costa Rica, Honduras, Guatemala e México. Voltou ainda uma vez à Europa, em 1960, ocasião em que revisitou alguns países, tais como a Áustria, a Alemanha, a Itália e a França; nesse último país, nesta oportunidade, integrou um grupo internacional de estudiosos, que visitou cavernas pré-históricas. Em 1961, retornou ao México, onde visitou sítios arqueológicos pré-colombianos. Suas viagens de estudo ao exterior levaram-no a produzir alguns trabalhos específicos, que foram publicados, tais como: “Um indigenista do Brasil no sudeste norte-americano” (1951) e “Primitivos da Argentina” (1954) (V. bibl. de Baldus, no corpo deste estudo).

Nota-se em Baldus interesse especial pelos autores de língua alemã, particularmente os alemães que contribuíram com ensaios em língua germânica, ao conhecimento dos índios do Brasil, como se percebe claramente em seu trabalho “Beiträge in deutscher Sprache zur Indianerforschung in Brasilien (1954-1958)” (1959). Porém, seu interesse e dedicação ao estudo das obras de autores estrangeiros, bem como a sua divulgação, evidentemente, transcendia a esse grupo de escritores; em 1969, Baldus veio a publicar o ensaio “Schweizer als Indianerforscher in Brasilien”, no qual apresenta, cataloga e comenta um bom número de “americanistas” suíços.

De 1953 a 1960, H. Baldus foi o Diretor do Museu Paulista (também conhecido como Museu do Ipiranga), função da qual se afastou para dedicar-se exclusivamente às atividades científicas, de vez que os encargos administrativos interferiam de forma negativa em seu campo de trabalho principal. Ao contrário do que ocorreu nos demais anos, no ano de seu afastamento da direção do Museu Paulista, Baldus levou ao público um número menor de trabalhos, tendo publicado apenas dois, sendo um no *Jornal do Folclore* (“Curt Nimuendajú”) e outro na revista *Anhembi* (“Antropologia Aplicada e o indígena brasileiro”). Neste último trabalho, o autor, após citar Darcy Ribeiro, em seu ensaio importante de 1957 (“Culturas e línguas indígenas do Brasil”, in *Educação e Ciências Sociais*, II, nº 6, Rio de Janeiro), no trecho em que este antropólogo faz comentários a respeito da integração dos índios Fulniô, de Pernambuco, expõe a seguinte crítica característica de seu temperamento polêmico: “Deixando de lado a discussão sobre possibilidades de reconstrução da “antiga cultura” em aprêço e sobre a propriedade do termo “obsolescências” para designar as línguas e as culturas dos povos da América do Norte, da Europa e do Brasil acima mencionados, *acho que a generalização de estarem as culturas e as línguas indígenas brasileiras “destinadas a se descaracterizarem na medida em que a sociedade nacional cresça” revela encarar o autor êsses processos quase ‘sub espécie aeternitatis’, mas não num prazo adequado para o estudo de tais problemas* (destaque nosso). Quem sabe se no ano de 1999 ou de 2459, os Fulniô e outras tribos não continuarão ainda obstando a uma “homogeneidade de desenvolvimento” da “sociedade nacional”, ainda que, pelo seu número, constituíssem obstáculos insignificantes? Em todo caso Darcy Ribeiro poderia aparecer como o herdeiro mais ou menos modernizado da mentalidade imperialista portuguesa se as suas últimas publicações não nos ensinassem, felizmente, o contrário”. Evidentemente a crítica de Baldus a Ribeiro, neste episódio, é séria e indica claramente divergência de orientações teóricas e de perspectivas na percepção do processo em curso nas relações sociais entre sociedades indígenas e a sociedade nacional.

Baldus era irônico e tinha seus momentos de amenidades, como se pode perceber no episódio que narra em seu *Tapirapé: Tribo tupi no Brasil Central* (1970: 277/8), envolvendo ele próprio e Charles Wagley; “Parece que os Tapirapé acreditam em concepção mágica, embora saibam ser a gravidez consequência das relações sexuais. Em 31 de março de 1942 contou-me o Dr. Wagley o seguinte: Nos primeiros tempos em que esteve em Tapiitaua, ouviu de repente: “Lá vem Dotoí”. Sabia que era êste o nome com que as mulheres e crianças da aldeia costumavam me tratar, acrescentando o diminutivo “i” ao título pelo qual o camarada Daniel me chamava. Wagley, surpreso, virou-se e viu aproximar-se não o colega de São Paulo, mas um menino tapirapé. “Onde está Dotoí?” perguntou. Indicaram-lhe o menino. “Mas Dotoí está longe”, objetou. Então ensinaram-lhe que o menino também se chamava Dotoí, por ser filho do Dotoí de São Paulo. E como prova dessa relação de parentesco mostraram ao etnólogo que o menino, como seu longínquo genitor, não tinha buraco no lábio inferior para o uso do tembetá, como se vê nos meninos tapirapé da sua idade. Numa obra cientificamente sêca como esta, não é preciso tomar em consideração o que Wagley pensou de mim e se êle comparou a côr da pele do Dotoí II com a das outras crianças ao redor. Basta dizer que êle é meu amigo e o norte-americano mais compreensivo que conheço. Naturalmente não deixou de perceber que a idade do menino correspondia mais ou menos ao número de anos passados desde a minha estada em Tapiitaua. Verificou também que Vuanomanchí estava desempenhando o papel de pai do rapazinho. E Vuanomanchí tinha sido meu amigo íntimo, em 1935.” A par do insólito e do pitoresco da narrativa (que remete, também, às situações embaraçosas em que um etnólogo pode ver-se envolvido, involuntariamente), o trecho citado exhibe, em poucas palavras, o domínio da técnica literária e da língua portuguesa a que chegou o alemão de nascimento Baldus.

Em 1961, Baldus assumiu a cadeira de Etnologia Brasileira, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, no interior do Estado de São Paulo.

A propósito do 65º aniversário de nascimento de Herbert Baldus, Hans Becher editou um volume comemorativo de *Völkerkundliche*

Abhandlungen — “Beiträge zur Völkerkunde Südamerikas” (Festgabe für Herbert Baldus zum 65. Geburtstag), em Hannover, no qual trinta especialistas em assuntos Americanistas compartilham com textos de autoria de cada um, para, nesta edição (1964), homenagear o ilustre aniversariante.⁵

(5) Aparecem nesta publicação, os seguintes autores e respectivos títulos: Josef Haekel (Viena) — “Zum Geleit”; Hans Becher (Hannover) — “Carl Richards ethnographische Beobachtungen in Venezuela im Jahre 1820”; Robert L. Carneiro (New York) — “Shifting Cultivation among the Amahuaca of Eastern Peru”; José V. Cesar (Bosieux, Suíça) — “Igaçaba”; William H. Crocker (Washington) — “Extramartial Sexual Practices of the Hamkokamekra-Canela Indians”; Hans Dietschy (Basel) — “Altersstufen bei Karaja Indianern Zentralbrasilien”; Gertrude E. Dole (New York) — “Shamanism and Political Control among the Kuikuru”; Leo Fainberg (Moscou) — “Überlebens der matrilinearen Gens bei den Indianern am oberen Xingú”; Florestan Fernandes (São Paulo) — “Aspectos da Educação na Sociedade Tupinambá”; Protásio Frikel (Belém, Pará); “Das Problem der Pianokotó-Tiriyó”; Helmut Fuchs (Caracas) — “Der amoaasó der Deukwhuana (Makiritare) und seine Bedeutung”; René Fuerst (Genebra) — “La peinture collective des femmes Xikrin (Contribution à l’étude des Indiens Kayapo du Brésil Central)”; Eduardo Galvão e Mário F. Simões (Belém, Pará) — “Kulturwandel und Stammesüberleben am oberen Xingú, Zentralbrasilien”; Martin Gusinde (St. Gabriel, Mödling bei Wien) — “Die Religion der Selk’nam auf Feuerland-Entgegnung auf Paul Radin”; Karin Hissink (Frankfurt Main) — “Heilmittel und Heilmethoden bei den Tacana-Indianern”; Cestmir Loukotka (Praga) — “Alguns suplementos ao trabalho ‘Culturas e línguas indígenas do Brasil’”; Anton Lukesch (Graz) — “Indianische Persönlichkeit bei dem Gé-Volk der Kayapó”; Betty J. Meggers and Clifford Evans (Washington) — “Genealogical and Demographic Information on the Wai Wai of British Guiana”; Nobue Myazaki (Marília, São Paulo) — “Breves Notas sobre a Socialização da Criança em duas Tribos Aruake”; Taryo Obayashi (Tokio) — “Bemerkungen zum Grabstock der Chavante”; Roberto Cardoso de Oliveira (Rio de Janeiro) — “Totemismo Tukúna?”; Donald Pierson (U.S.A.) — “Life in a Brazilian Village”; Stig Ryden (Stockolmo) — “Tripod Ceramics and Grater Bowls from Mojos, Bolivia”; Wilhelm Saake (St. Augustin bei Bonn) — “Erziehungsformen bei den Baniwa”; Egon Schaden (São Paulo) — “Ethnographische Notizen zu einem Chichanzlied der Kayová”; Hermann Trimbom (Bonn) — “Cerro de las Rueditas”; Henry Wassen (Gotemburgo) — “Un Indio Cuna de Panamá en misión etnográfica al Rio Caimán, Colombia, en 1961”; Ursula Wiesemann (Rio de Janeiro) — “Phonological Syllables and Words in Kain-

Herbert Baldus foi um estudioso especialmente interessado na cultura material dos povos indígenas: sua obra está permeada, em muitos momentos importantes, por abordagens da produção ergológica dos índios. Exemplo característico, no qual Baldus demonstra-se profundamente tocado pela arte pictórica indígena, encontra-se em seu substancial ensaio “Os carimbos dos índios do Brasil” (1961/2). Neste trabalho, Baldus fundamentando-se em pesquisas realizadas por diversos etnólogos, tais como Nordenskiöld, Linné, Koch-Grünberg, D. Ribeiro, Krause, V. Chiara, Métraux, Nimuendajú, Schaden, P. Frikel, Loureiro Fernandes, Crocker, Maybury-Lewis, Albisetti e Venturelli, Galvão, Meggers e Evans, Schultz e outros, faz um extenso estudo objetivando atingir uma síntese sistematizadora dos conhecimentos acumulados sobre estes instrumentos de produção artística indígena. Com base, principalmente, em trabalhos publicados por aqueles autores, em depoimentos pessoais e mesmo em correspondências trocadas com alguns deles e, secundariamente, em sua experiência de campo, Baldus registra os diferentes tipos de carimbos produzidos por sociedades indígenas atuais (Mbayá-Guaikurú, Karajá, “Kayapó”, Mayongong, Palikúr, Aparai, Guarani, Kaingang, Rankókamekra-Canela, Krahó, Apinayé, Xerente, Bororo, Tiriyó, Kaxüyana e Amahuáka), bem como, de restos arqueológicos (Tupinambá, Marajoara, Tarumá e Manacapurú). Descreve os objetos (muitos dos quais se encontram em museus de diferentes países do mundo), tenta uma classificação tipológica, tomando como referência a proposta de “áreas culturais indígenas”, de Galvão, e registra problemas etnográficos e etnológicos pendentes, como sugestões para novas pesquisas. O trabalho é enriquecido com abundantes ilustrações constantes de desenhos e fotos de carimbos de diferentes ti-

gãng”; Emilio Willems (Nashville) — “San Andrés: Continuity and Change in the Culture of a Caribbean Island”; Ingrid Wustmann (Leipzig) — “Zur Bedeutung und Verwendung des indianischen Farbstoffe Urucú” — Com um prefácio de Eva LIPS (Leipzig); Otto Zerries (Munique) — “Ausgewählte Holzschnitzarbeiten der Brasilien-Sammlung Spix und Martius von 1817/20 im Völkerkunde-Museum zu München”.

pos, bem como de fotos de cenas de carimbagens, além de extensa bibliografia.⁶

O artigo sobre o xamanismo publicado por Baldus na *Revista do Museu Paulista* (1965/6) é de excelente qualidade científica. Trata-se de um trabalho teórico praticamente único na bibliografia etnológica brasileira, de uma abordagem não especificamente sobre esta instituição em uma sociedade determinada, mas sim, um estudo amplo, aberto, geral, com predominante fundamentação bibliográfica em autores expressivos, que se dedicaram a este tema, contendo, também, contribuições pessoais do autor, no sentido de que se baseia, ao lado das demais fontes, em suas observações diretas no campo. À medida em que o texto avança, Baldus insere, em um crescendo, suas interpretações pessoais do ponto de vista teórico, sobretudo nos itens referentes ao *xamã e o grupo social* (a instituição, o *status* e a ambivalência).

Como se constata, esse autor versátil e de grande produtividade, teve a publicação de sua obra científica marcada por alguns eventos principais, tais como:

1 — a publicação, em 1931, de sua primeira destacada obra científica, o livro *Indianerstudien im nordwestlichen Chaco* (230 págs.), na qual faz estudos comparativos sincrônicos entre os grupos indígenas Chamacoco e Kaskihá, bem como com os Mbiá, de Mato Grosso;

2 — a publicação dos *Ensaios de Etnologia Brasileira* (346 págs.) em 1937, reunindo importantes trabalhos seus sobre diferentes grupos indígenas, tais como os Bororo, os Terêna, os Kaingang, os Guayakí, os Karajá, os Tapirapé;

3 — a publicação da *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, em 1954 (1º volume) e em 1968 (2º volume), e

4 — a publicação, já próximo a sua morte, do livro *Tapirapé: tribo tupi do Brasil Central* (511 págs.).

Nos *Ensaios de Etnologia Brasileira*, estuda temas sociais variados, com ênfase nas abordagens de religião, e também desenvolve,

com evidente interesse didático, itens teóricos de grande interesse. “Que é etnologia?” — e responde — “Literalmente: a ciência do povo ou dos povos, isto é, a ciência que estuda as diversas modalidades totais de um povo e suas relações com as modalidades de outros povos. A palavra povo significa, aqui, unidade cultural. Assim, a etnologia estuda a unidade cultural no que diz respeito à sua singularidade local e temporal e às suas relações com outras unidades culturais. A etnologia limita-se ao estudo das chamadas culturas primitivas, por ser ainda uma ciência em formação” (p. 17). Trata-se de um ensaio de caráter preliminar, no qual o autor desenvolve, sinteticamente, conceitos teóricos, como o acima, ainda de orientação fortemente culturalista, da mesma forma como em sua definição de cultura: “Cultura, no sentido que lhe dão os etnólogos, é a expressão harmônica total do sentir, pensar, querer, poder, agir e reagir de uma unidade social, expressão essa que nasce de uma combinação de fatores hereditários, físicos e psíquicos, com fatores coletivos morais, e que, unida ao equipamento civilizador (instrumentos, armas, etc.) dá à unidade social a capacidade e a independência necessárias à luta material e espiritual pela vida. Um dos problemas principais da etnologia é estudar a mudança contínua desta expressão e as causas dessa mudança” (p. 17). Estabelece as diferenças conceituais entre etnologia e antropologia (“Ciências auxiliares uma da outra”, p. 18), entre etnologia e etnografia e sentencia: “o etnólogo será sempre etnógrafo; e o etnógrafo não poderia, sem conhecimento etnológico, fazer trabalho útil” (p. 19). “Ambas as ciências são empíricas e indutivas” (p. 19). Quanto ao livro como um todo, esclarece: “Intitulei o presente livro *Ensaios de Etnologia Brasileira*, embora ele tenha, na maior parte, caráter puramente etnográfico. Mas esse material etnográfico serve, principalmente, para estudar um problema etnológico, qual seja a mudança de cultura entre índios no Brasil” (p. 19).⁷ E

(7) A propósito desse interesse teórico específico encontrado nas obras de Baldus, Galvão (1979:127) faz o seguinte comentário, agrupando o nosso autor com outros antropólogos que considera participantes da mesma linha teórica em Antropologia, entre os quais ele próprio: “Retetiríamos na prática a comunicação do professor Baldus, pois nos trabalhos mais recentes, a partir de Nimuendajú

(6) A propósito desse ensaio, Melatti (1970:149) comenta: “Herbert Baldus oferece um exaustivo estudo dos carimbos utilizados pelos índios do Brasil, tendo elaborado mesmo uma tipologia”.

o autor indaga: “E por que estudamos etnologia? Estudamos os chamados povos primitivos para, com base nos conhecimentos assim adquiridos, poder estudar melhor os povos chamados de alta cultura” (p. 20), atribuindo, dessa maneira, um caráter instrumental à etnologia que, segundo essa concepção, atua como vetor para estudos que Baldus considerava, à época, que estavam fora de seu campo específico de abordagem.

Neste mesmo ensaio (*Etnologia Brasileira*), Baldus faz especialmente crítica à posição da Igreja face aos índios, nos primeiros tempos de colonização: “Era mais cômodo, para os cristão que avançavam apresentar esses povos estranhos (povos periféricos, povos não cristão) como seres de ordem inferior, para melhor explorá-los, combatê-los e subjugar-los. No ano de 1537, o papa Paulo III declarava numa bula que os índios eram homens. Semelhantes deliberações eram tomadas, em parte, para privar os colonos europeus dos trabalhadores indígenas e aproveitá-los, economicamente, só para a Igreja. Os célebres defensores da liberdade do índio, como, por exemplo, o bispo Las Casas, não se opuseram à importação de escravos africanos para a América” (p. 21). Imprimindo essa orientação analítica e interpretativa, Baldus, já em 1937, fazia florescer um tipo de abordagem histórica dialética, que só anos mais tarde viria a tornar-se corrente nos estudos etno-históricos, que se desenvolveram no Brasil, tendo sido este mais um dos setores científicos, em nosso país, atingidos pelo pioneirismo do autor. Neste mesmo livro, Baldus oferece abundantes dados etnográficos sobre o culto aos mortos pelos índios Kaingang (pp. 19/69); desenvolve amplo estudo sobre a posição social da mulher entre os Bororo Orientais (pp. 112/62); além de outros temas importantes, retoma o estudo da mudança de cultura em sociedades indígenas (pp. 187/275). No ensaio sobre a posição so-

cial da mulher, faz descrições do meio ambiente, bem como, físicas dos índios estudados, suas vestimentas, adornos pessoais, e sua alimentação; reitera a informação de que “entre quase todos os povos primitivos da América do Sul é a mulher que leva a carga durante as marchas, enquanto o homem só anda com as armas na mão” (p. 118). Discorda de que por esta razão seja “oprimida ou escrava”, como a consideram viajantes apressados e missionários católicos (cf. suas palavras). No bojo desse ensaio, aborda temas tais como o parto e a colaboração do homem; o *couvade*; diferentes meios abortivos; restrições (“resguardo”) da mãe; o infanticídio (“Entre os Bororo estas causas — de infanticídio — são disfarçadas pela crença que estabelece uma conexão entre a criança esperada e ainda não nascida e os maus sonhos de um dos parentes e especialmente da própria futura mãe”, p. 121); iniciações de jovens; menstruação; divisão de trabalho por sexo (“a criança, nos primeiros anos é guardada pela mãe”, p. 129); metades exogâmicas; casamento; organização matrilinear; vida sexual (refere que a monogamia predomina; que “a homossexualidade e o onanismo são desconhecidos entre os Bororo, como entre a maior parte das tribos de índios visitados por mim”, p. 146; que “ambos os sexos não guardam severamente a fidelidade conjugal”, p. 149); que há ciúme e ocorrem brigas, duelos entre mulheres por ciúme; os mexericos entre mulheres, de umas em relação às outras; a participação em cantos e danças por ambos os sexos; a morte; mudanças sócio-culturais por influência da sociedade dominante, principalmente dos padres salesianos. Ao desenvolver esse tema, neste ensaio específico, Baldus reporta-se às mudanças nas culturas materiais e “espirituais” (sic) dos Kaingang, Bororo, Karajá e Tapirapé, e define: “Entendemos por ‘mudança de cultura’ a alteração na harmônica expressão global de todo o sentir, pensar e querer, poder, agir e reagir de uma unidade social, expressão que nasce de uma combinação de fatores hereditários, físicos e psíquicos, com fatores coletivos morais, e que, unida ao equilíbrio civilizador, como, por exemplo, instrumentos, armas, etc., dá à unidade social a capacidade e a independência necessária à luta material e espiritual pela vida” (p. 276); classifica as

e desse etnólogo, seguindo com os de Wagley, Schaden, Watson, Oberg, Altenfelder Silva, Ribeiro, Galvão, Murphy e Hohenthal, mesmo se não trazem, como acontece em sua maioria, definido em título principal ou subtítulo o tema *aculturação*, constituem, todos eles, análises de culturas indígenas em transição, e em que o principal fator de mudança deriva de uma situação de contacto com populações rurais brasileiras”.

causas da mudança de cultura em causas que vêm de “dentro”, isto é, da própria unidade cultural, e as que vêm de “fora”, ou seja, de outra unidade cultural; porém, trata, no ensaio, apenas das causas originárias de “fora”, ou seja, as “influências européias” (p. 306); trata também do espaço de tempo da mudança de cultura, da mudança parcial de cultura e da mudança total de cultura. E Baldus considera as culturas indígenas como subculturas brasileiras (V. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, Vol. II, 1968, p. 83).

Em *Tapirapé: Tribo tupi do Brasil Central*, Baldus apresenta, neste que é um complexo trabalho monográfico, suas análises e interpretações das observações realizadas entre os Tapirapé, nas visitas que fez a esse grupo em 1935 e 1947. Trata-se de um estudo exaustivo, no qual estuda os diferentes aspectos desta sociedade e faz comparações desta com a de outros grupos indígenas da área em torno do rio Araguaia. Traz à sua obra material etnológico propiciado por outros pesquisadores, entre os quais e principalmente, Charles Wagley, do qual apresenta polêmicas discordâncias. Suas discrepâncias com Wagley, já se haviam evidenciado em outras oportunidades, como, por exemplo, em “Zur Häuptlingsfrage bei den Tapirapé” (1968), no que diz respeito à chefia do grupo Tapirapé.

Baldus elaborou uma obra de grande personalidade, trabalhando, por um lado, com objetivos didáticos, de esquematização e de propiciar conhecimentos e informações, e, por outro, concretizando um grande projeto de documentação sistemática com vistas ao desenvolvimento da pesquisa científica nos campos da etnologia e da etnografia. Aí se inscrevem tanto suas sinopses e resenhas sobre obras e autores nacionais e estrangeiros, que trabalharam no Brasil (V. os dois primeiros volumes da *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*),⁸ como suas reconstituições dos acervos históricos constantes das contribuições aos estudos antropológicos dos grupos indígenas do Brasil dadas por missionários, cronistas, via-

jantes, artistas e etnólogos, desde a carta de Pero Vaz de Caminha até nossos dias. Na linha de abordagem dos estudos históricos, o “Ensaio sobre a história da Etnologia Brasileira” (1943) é modelar, propiciando indicações fundamentais sobre autores e as características de seus estudos ao longo da história do país, já abrindo perspectivas para as abordagens dos grupos indígenas em situação de contato, que viriam a ser o veio principal dos estudos antropológicos brasileiros, sobretudo a partir do início da segunda metade deste século. As digressões de Baldus, naquele ensaio, abrem caminhos científicos, que muitos vieram a trilhar.⁹

Em sua obra antropológica volumosa e variada, Baldus usava linguagem clara e direta — conforme preceito de estilística, para textos científicos — nas formulações das explicações, quer as descritivas, quer as interpretativas das questões relacionadas com as sociedades indígenas e com a produção científica em antropologia. Intelectualmente honesto e autêntico detentor do saber científico, Baldus não fazia jogo de palavras vazio e enganador.

Os trabalhos produzidos por Baldus sempre tiveram ampla divulgação, tanto no Brasil quanto no exterior. Há trabalhos de Baldus que, mesmo no Brasil, foram publicados mais de uma vez, além dos que vieram a lume em mais de uma língua em diversos países, como no caso de “Ensaio sobre a História da Etnologia Brasileira”, que foi publicado em *O Estado de S. Paulo*, de 9, 11 e 16/9/43, no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo*, I, 1943, e no *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, 1949, além de, ampliado, voltar a aparecer na Introdução ao primeiro volume da *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, 1954 (em português), tendo, também, sido pu-

(9) Roberto Cardoso de Oliveira (1964:26-27), referindo-se a Baldus, entre outros, faz a seguinte observação: “Essa preocupação sobre o destino das populações tribais é uma constante na etnologia brasileira, desde os trabalhos de Nimuendajú e Baldus, até Schaden, Galvão e Darcy Ribeiro. O enraizamento de todos eles à realidade nacional — e não apenas indígena — permitiu-lhes, de certo modo, repensar os problemas colocados pelas teorias de aculturação, caracteristicamente descomprometidas com a sobrevivência das populações tribais”.

(8) A profa. Thekla Hartmann, seguindo a mesma metodologia de Baldus, deu sequência ao projeto do mestre, no terceiro volume da *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*.

blicado, em espanhol, na *Revista Mexicana de Sociologia*, V, nº 2, México, 1943. Muitos de seus trabalhos, sobretudo os primeiros, foram publicados em alemão, como no caso do ensaio: "Die Allmutter in der Mythologie zweier südamerikanischer Indianerstämme", que saiu no *Archiv für Religionswissenschaft*, XXIX, Leipzig, em 1932, tendo sido traduzido para o francês por Alfred Métraux e publicado na *Revista del Instituto de Etnologia*, II Tucumán, 1932.¹⁰

Predominam, na obra de Baldus, as abordagens dos temas sociais a partir da análise de dados empíricos da realidade, o que não o levou a omitir-se quanto aos estudos teóricos. Em seu artigo intitulado "Difusionismo, Concentrismo e Funcionalismo", com muita clareza, desenvolve, inicialmente, uma explanação crítica em torno do *difusionismo*, sobre as contribuições de Lafitau, Ratzel, Frobenius, Schimidt, além de outros; método a que denomina de *concentrismo* — "para frisar o contraste com o difusionismo", cf. suas palavras —, e, do *funcionalismo*, já enfatizando a importância das "relações estruturais". Ao analisar o difusionismo, sua crítica passa pelos conceitos de "ciclos culturais" e de "áreas culturais" (cf. Boas, Waisler, Kroeber) e extravasa considerações lúcidas, tais como quando diz: "Por ignorar as relações estruturais e funcionais que os traços estudados têm em sua cultura, seu valor para a compreensão da cultura é secundário, pois os difusionistas não conseguem senão formar hipóteses sobre migrações e processos de transferências. Indubitavelmente, foi imenso o número destes processos, no mundo inteiro. Levando-se em consideração a abundância de alterações e de transformações operadas na maioria dos fenômenos culturais, evidencia-se o fato de só podermos constatar a sua transferência local ou temporal, quando conservam a sua forma de modo reconhecível. Esta conservação se dá, porém, só em número reduzido de casos. É por isso que uma teoria como o difusionismo, que considera esse número restrito de transferências como objeto de investigação, não poderá

desempenhar um papel decisivo na Etnologia" (p. 130). Tendo o trabalho em foco vindo a lume em 1941, Baldus, então, ainda podia referir-se a que os métodos norte-americanos da "áreas culturais" ainda não haviam sido "realizados, que eu saiba, no Brasil..." (p. 131). A proposta de "áreas culturais indígenas", de Eduardo Galvão, só seria publicada em 1960 (Galvão, 1960). Para caracterizar o "concentrismo", Baldus diz que esse método "naturalmente, aproveita também qualquer oportunidade para verificar, deste modo, uma transferência. Mas considera os parentescos culturais como problema secundário, pois encara, em primeiro lugar, a concentração e não a difusão dos elementos culturais, quer dizer, a sua integração em uma determinada cultura e não a sua expansão pelo espaço e tempo" (p. 131). Aponta Koch-Grünberg como um dos pesquisadores que trabalham com "métodos concentristas", no Brasil. No mesmo ensaio, Baldus refere-se a Bastian que, conforme sua interpretação, estudou o fato cultural como objeto psicológico e desenvolveu a teoria das "idéias-de-povo" (*Völkergedanken*), lançando a semente do funcionalismo. Destaca, na escola funcionalista, os etnólogos Radcliffe-Brown (que realizou o "estudo das designações de parentesco em conjunto com os deveres, direitos e outras funções — sociais — de seus portadores", cf. Mühlmann, cit. por Baldus), Thurnwald¹¹ e Malinowski. No final do trabalho, Baldus, sempre animado a contribuir para o melhor desempenho de nossos etnólogos no campo, delinea orientações metodológicas da maior utilidade para a prática da pesquisa antropológica, apresentadas em linguagem cristalina, dando ênfase à necessidade de o pesquisador, no campo, procurar

(10) Este mesmo artigo aparece na bibliografia de Baldus — levantada no decorrer deste estudo —, traduzido para o português pelo autor deste ensaio.

(11) "Tomemos como ponto de referência antigos cursos de Lévi-Strauss e de Herbert Baldus: o primeiro dava grande atenção às possibilidades teóricas de descrição das comunidades humanas e às diretrizes metodológicas em que elas repousavam, procurando descobrir em que consistia a contribuição positiva e as limitações de cada uma delas; o segundo, como antigo aluno de Thurnwald, nunca defendeu intransigentemente o funcionalismo, esforçando-se, ao contrário, para pôr em evidência as vantagens e as desvantagens de outras orientações metodológicas, como a "concentrista" e a "difusionista", no estudo de comunidades indígenas brasileiras." (Fernandes, 1975: 135).

assumir diferentes papéis, face a seu objeto de estudo, tendo em vista atingir a maior objetividade, como um experimentador, conforme se lê em suas palavras; "O etnólogo, ao assumir o papel de Vaz de Caminha, deve estar consciente de sua condição como experimentador, o qual, por ser componente integrante de sua própria experiência, precisa ser tomado em consideração tanto como seu objeto. Conseguindo o etnólogo esse reconhecimento bilateral, no qual encara a interação entre si mesmo como experimentador e o objeto, conseguindo, assim, o que chamamos ganhar distância de si mesmo, aproxima-se, cada vez mais, da objetividade" (p. 139).¹²

A experiência militar do jovem Baldus, na guerra, em seu país de origem, não moldou sua personalidade e seu comportamento político. Baldus foi um antiprussiano por excelência, um pacifista antinazista, um liberal progressista, um democrata convicto, um humanista empolgado pela causa da sobrevivência dos povos indígenas.¹³ Com o advento de sua morte, alguns de seus amigos e/ou discípulos fizeram publicar artigos em sua homenagem, tais como: "Hommage à Herbert Baldus (1899-1970)", por René Fuerst;¹⁴ "Herbert Baldus —

1899-1970", por Hans Becher;¹⁵ o editorial "Herbert Baldus — In Memoriam", in *Anais do Museu de Antropologia*, da Universidade Federal de Santa Catarina,¹⁶ e o editorial da *Revista do Museu Paulista*, sob o título "Herbert Baldus (1899/1970)".¹⁷ Na oportunidade do 10º aniversário do falecimento de Herbert Baldus, o eminente etnólogo foi homenageado no evento promovido em sua memória, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, patrocinado por esta Escola e pelo Museu Paulista da Universidade de São Paulo.¹⁸

Relatar a volumosa e polivalente obra de Herbert Baldus é uma tarefa extremamente complexa, não apenas devido ao grande número de trabalhos produzidos, ao longo de 50 anos de ação científica, mas, principalmente, pela variedade dos temas desenvolvidos, comprometidos com tantas áreas das ciências sociais. Seu saber científico, à medida em que ia sendo concebido, como fruto de seu traba-

connaisseurs et plus sincères défenseurs, la science américaniste l'un de seus meilleurs chercheurs, notre Société l'un de ses plus illustres membres et moi-même un ami dont l'exemple, l'impulsion et la critique ont contribué au déroulement de ma modeste carrière" (Fuerst, 1971: 35-36).

(15) "Through Herbert Baldus, São Paulo became the undisputed heart of Americanistic research in South America, for he was the first to systematize the studies of South American ethnology" (Becher, 1972:1307-12).

(16) "Baldus não apenas descrevia e interpretava fatos das culturas primitivas em face da sociedade nacional envolvente, mas preocupava-se constantemente pelo futuro dessas populações. Prova disso são os muitos artigos e conferências que deixou sobre política indigenista no Brasil" (Editorial "Herbert Baldus — In Memoriam", 1971:144-145).

(17) "Alemão de nascimento, Herbert Baldus continuou em nossos dias, como já se escreveu, toda uma tradição científica de raízes germânicas voltadas para as culturas indígenas sulamericanas, tradição que vai de Martius a Kurt Nimuendajú, por ele continuada sob um enfoque tipicamente brasileiro, aperfeiçoando dessa perspectiva as rotas pioneiras de um Couto de Magalhães ou de um Teodoro Sampaio" ("Herbert Baldus (1899/1970)", 1968/ 69:7).

(18) Evento realizado a 24-10-1980. Nesta oportunidade, em texto produzido por Charles Wagley, este antropólogo depõe: "Herbert Baldus e eu estávamos ligados um ao outro durante mais de 30 anos pelo interesse que ambos mantínhamos pelo índio brasileiro e mais especificamente pelos estudos sobre uma pequena tribo: os Tapirapé do Brasil Central" (Gainesville, outubro/1980).

(12) "Algumas das principais críticas à problemática e às tendências teóricas dos estudos brasileiros de etnologia e sociologia foram formuladas em *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*, de Florestan Fernandes. Essas reflexões, associadas com os artigos e ensaios de Herbert Baldus, Egon Schaden, Charles Wagley, Marvin Harris, Thales de Azevedo e outros, oferecem um quadro bastante amplo sobre a formação geral e os aspectos particulares das pesquisas etnológicas e sociológicas no Brasil" (Ianni, 1966:24).

(13) "Na geração dos pais fundadores (o autor refere-se aos fundadores do que chama de 'nossa família de etnólogos brasileiros'), temos três figuras esplêndidas: Herbert Baldus, poeta-cientista, teutônico, mulherengo, prussiano, romântico e antifacista. Foi quem nos trouxe as luzes de Thurnwald, que nos livraram de tanta tolice norte-americana; mas foi principalmente quem nos tangeu para o estudo dos índios lá nos matos onde eles viviam. A ele devemos também haver organizado criticamente a bibliografia etnológica brasileira, desmonopolizando a informação livresca que tantos tolos, anteriormente, em seu primarismo, escamoteavam e escondiam." ("Prefácio" de Darcy Ribeiro ao *Encontro de Sociedades*, 1979, de E. Galvão).

(14) "Avec la mort du professeur Herbert Baldus, les derniers indiens du Brésil ont perdu l'un de leurs plus grands

lho diuturno no campo, nas bibliotecas e em seu gabinete, era divulgado através de periódicos e de livros, incessantemente publicados. Desta obra e de sua vida, da qual é fruto, oferece-se uma síntese ilustrativa e representativa, neste ensaio. Sua obra científica se ca-

taloga em diferentes campos da antropologia, exprimindo a elaboração do conhecimento científico ao longo da vida, que se caracterizou pela laboriosa ação de documentação das sociedades e culturas indígenas e pela luta em sua defesa.

SAMPAIO-SILVA, O. Herbert Baldus: life and work — Introduction to the Indigenism of a German-Brazilian americanist *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia* S. Paulo, 2:91-114, 1992.

ABSTRACT: Herbert Baldus was a German-Brazilian anthropologist who played an important role in the development of anthropological research and knowledge in Brazil. His scientific work was intimately linked to his own life, spent mostly in this country, where he devoted himself to teaching, to research and scientific divulgation, as well as to the establishment of an official Indian policy bent on the preservation of ethnic populations. His theoretical contributions ranged from initial investigations on material and non-material culture to functional and structural approaches, while he also established the foundations for the study of cultural change of Indian societies in contact situations.

UNITERMS: Life — Work — Indigenism — Preservationism — Contact situation — Cultural change.

Referências bibliográficas

- BECHER, H. Herbert Baldus — 1899-1970. *American Anthropologist*, 74, nº5, 1972.
- EDITORIAL "Herbert Baldus (1899-1970)". *Rev. do Museu Paulista*, N.S., Vol. XVIII, 1968/69.
- EDITORIAL "Herbert Baldus — In Memoriam". *Anais do Museu de Antropologia* da Universidade Federal de Santa Catarina, Ano IV, nº 4, 1971.
- FERNANDES, F. *Investigação Etnológica no Brasil e outros ensaios*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1975.
- FUERST, R. Hommage à Herbert Baldus. *Bulletin de la Société Suisse des Americanistes*, nº 35, 1971.
- GALVÃO, E. Áreas culturais indígenas do Brasil: 1900-1959. *Boletim do Museu Paraense "Emílio Goeldi"*, Antropologia, nº 8, Belém, 1960.
- . *Encontro de Sociedades*, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- IANNI, O. *Raças e Classes Sociais no Brasil*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966.
- MELATTI, J.C. *Índios do Brasil*, Coordenada Editora de Brasília, Brasília, 1970.
- OLIVEIRA, R. Cardoso de. *O Índio e o mundo dos brancos*, Ed. Dif. Européia do Livro, São Paulo, 1964.
- SOUZA, C.C. O método Rorschach aplicado a um grupo de índios Kaingang. *Revista do Museu Paulista*, N.S., Vol. VII, São Paulo, 1953.
- WAGLEY, C. "Herbert Baldus: In Memoriam" — University of Florida, Gainesville, Florida, 1980.

Bibliografia de Herbert Baldus*

- "Eduard Hörhan". *Germania. Wochenbeilage zur Deutschen Zeitung*, 47. Jahrgang, n. 38, S. Paulo, 18-9-1925.
- "Os índios Chamacoco". *Revista do Museu Paulista*, XV, S. Paulo, 1927.
- "Ligeiras notas sobre os índios Guaranys do litoral paulista". *Revista do Museu Paulista*, XVI, S. Paulo, 1929. (1)
- "Beim Oberhäuptling der Kaskihá-Indianer". *Der Erdball*, IV, Berlin, 1930.
- "Notas complementares sobre os índios Chamacoco". *Revista do Museu Paulista*, XVII, S. Paulo, 1931.
- "Kaskihá-Vokabular". *Anthropos*, XXVI, Viena, 1931.
- "Ein Tag der Tumerehá-Indianer". *Der Erdball*, V, Berlin, 1931.
- Indianerstudien in nordöstlichen Chaco*. Forschungen zur Völkerpsychologie und Soziologie, XI, Leipzig 1931. (2)
- "Die Allmutter in der Mythologie zweier südamerikanischer Indianerstämme". *Achiv für Religionswissenschaft*, XXIX, Leipzig, 1932. (3)
- "Njandutti". *Welt und Wissen*, XXI, Berlin, 1932.
- "Erland Nordenskiöld". *Sociologus*, VIII, Leipzig, 1932.
- "Beiträge zur Sprachkunde der Samuku-Gruppe". *Anthropos* XXVII, Viena, 1932.
- "Völküberlieferungen aus Paraguay. Die Geschichten von Pora und Pombero". *Der Weltkreis*, III, Berlin, 1933.
- "Meine Forschungsreise im östlichen Südamerika". *Anthropos*, XXIX, Viena, 1934.
- "Die Erbfolge der Häuptlinge bei den Tereno". *Ethnologischer Anzeiger*, IV, Stuttgart, 1935. (4)
- "Sprachproben des Kaingang von Palmas". *Anthropos*, XXX, Viena, 1935.
- "Ligeiras notas sobre os índios Tapirapés". *Revista do Arquivo Municipal*, XVI, S. Paulo, 1935.
- "Conceito moderno de etnologia". *Revista do Arquivo Municipal*, XVIII, S. Paulo, 1935.
- "Ligeiras notas sobre duas tribos Tupis da margem paraguaia do alto Paraná". *Revista do Museu Paulista*, XX, S. Paulo, 1936. (5)
- "Licocós". *Espelho*, n. 21, Rio de Janeiro, 1936.
- Ensaio de Etnologia Brasileira*. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasileira, Cia. Ed. Nacional, S. Paulo, 1937. (6)
- "Tereno-Texte". *Anthropos*, XXXII, Viena, 137. (7)
- "As pinturas rupestres de Sant'Ana da Chapada (Mato Grosso)". *Revista do Arquivo Municipal*, XL, S. Paulo, 1937.
- "Kulturwandel bei Indianern in Brasilien". *Archiv für Anthropologie und Völkerforschung*, N.F., Bd XXIV, Heft 3/4, Braunschweig, 1938. (8)
- "Uma ponte etnográfica entre o Xingú e o Araguaia". *Revista do Arquivo Municipal*, XLIII, S. Paulo, 1938.
- "Die Doppelfolge". *Archiv für Anthropologie und Völkerforschung*, N.F., Bd. XXIV, Heft 3/4, Braunschweig, 1938. (9)
- "A obra de Karl von den Steinen". *Revista do Arquivo Municipal*, L, S. Paulo, 1938.
- Dicionário de Etnologia e Sociologia* (em coautoria com Emilio Willems). Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 4a. Iniciação Científica, vol. 17, S. Paulo, 1939. (10)
- "A necessidade do trabalho indianista no Brasil". *Revista do Arquivo Municipal*, LVII, S. Paulo, 1939. (11)
- "Herrschaftsbildung und Schichtung bei Naturvölkern Sudamerikas". *Archiv für Anthropologie, Völkerforschung und Kolonialen Kulturwandel*, N.F., Bd. XXV, Braunschweig, 1939.
- "Instruções gerais para pesquisas etnográficas entre os índios do Brasil". *Revista do Arquivo Municipal*, LXIV, S. Paulo, 1940. (12)
- "O conceito do tempo entre os Índios do Brasil". *Revista do Arquivo Municipal*, LXXI, S. Paulo, 1940.
- "Teoria e prática etnológicas". *Sociologia*, II, n. 4, S. Paulo, 1940. (13)
- "Difusionismo, Concentrismo e Funcionalismo". *Sociologia*, III, n. 2, S. Paulo, 1941.
- "Maximiliano Príncipe de Wied-Neuwied". *Revista do Arquivo Municipal*, LXXIV, S. Paulo, 1941.
- "Casas e túmulos japoneses no vale do Ribeira de Iguape" (em colaboração com Emilio Willems). *Revista do Arquivo Municipal*, LXXXVII, S. Paulo, 1941.
- "Aldeia, casa, móveis e utensílios entre os índios do Brasil". *Sociologia*, IV, n.2, S. Paulo, 1942.
- "Cultural change among Japanese immigrants in Brazil" (em coautoria com E. Willems). *Sociology and Social Research*, XXVI, n. 6, The University of Southern California Press, California, 1942.
- "Sinopse de cultura guayaki". *Sociologia*, V, n. 2, S. Paulo, 1943.
- "Ensaio sobre a História da Etnologia Brasileira". *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo*, I, S. Paulo, 1943. (14)
- "Novidades Tupinológicas". *Boletim Bibliográfico*, ano I, vol. IV, S. Paulo, 1944. (15)
- "Problemas indigenistas no Brasil". *América Indígena*, IV, México, 1944.
- "Comunicação e comércio entre os índios do Brasil". *Sociologia*, VI, n. 3, S. Paulo, 1944.
- "O rio Tapirapé". *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia*, V, Rio de Janeiro, 1944. (16)
- "Os Tapirapé, tribo tupi no Brasil Central". *Revista do Arquivo Municipal*, XCVI, S. Paulo, 1944. (17) (18)
- "Franz Boas e a Alemanha". *Boletim Bibliográfico*, VII, S. Paulo, 1945. (19)

(*) Acompanha esta bibliografia uma série de notas explicativas arroladas nas páginas subsequentes.

- "Curt Nimuendaju". *Boletim Bibliográfico*, VIII, S. Paulo, 1945. (20)
- "Possibilidades de pesquisas etnográficas entre os índios do Brasil". *Boletim Bibliográfico*, IX, S. Paulo, 1945. (21) (22)
- Lendas dos Índios do Brasil*. Ed. Brasiliense, S. Paulo, 1946. (23)
- "The Guayaki" (em colaboração com A. Métraux). *Handbook of South American Indians*, I, Washington, 1946.
- "Almofariz de pedra encontrado no município de Cunha, Estado de S. Paulo". *Revista do Arquivo Municipal*. CVII, S. Paulo, 1946. (24)
- "Os Tapirapé, tribo tupi no Brasil Central". *Revista do Arquivo Municipal*, CVII, S. Paulo, 1946. (25)
- "Os Kaingang do Ivaí". *Revista do Museu Paulista*, N.S., I, S. Paulo, 1947.
- "Chavante". *O Estado de São Paulo*, 1 e 4/1, S. Paulo, 1947.
- "Cultura material". *O Estado de São Paulo*, 11 e 18/6, S. Paulo, 1947.
- "Voltando do Araguaia". *O Estado de São Paulo*, 25/10, 5, 7 e 9/11, S. Paulo, 1947.
- "Vocabulário zoológico Kaingang". *Arquivo do Museu Paranaense*, VI, Curitiba, 1947.
- "Aplicação do psico-diagnóstico de Rorschach a índios Kaingang" (coautoria com Anieli Ginsberg). *Revista do Museu Paulista*, N.S., I, S. Paulo, 1947. (26)
- "Aquisição de sustento entre os índios do Brasil". *Sociologia*, X, n. 4, S. Paulo, 1948.
- "Fontes primárias para o estudo dos índios do Brasil quinhentista". *Publicação do Instituto de Administração*, n. 28, S. Paulo, 1948. (27)
- "É belicioso o Chavante?". *O Estado de São Paulo*, 30/7 a 6/8, S. Paulo, 1948. (28)
- "Novidades Americanistas". *O Estado de São Paulo*, 10/10, S. Paulo, 1948.
- "Relatório da Seção de Etnologia". *Revista do Museu Paulista*, N.S., II, S. Paulo, 1948. (29)
- "Tribos da bacia do Araguaia e o Serviço de Proteção aos Índios". *Revista do Museu Paulista*, N.S., II, S. Paulo, 1948. (30)
- "Etno-Sociologia brasileira". *Revista do Museu Paulista*, N.S., III, S. Paulo, 1949. (31)
- "Georg Friederici 1866-1947". *Revista do Museu Paulista*, N.S., III, S. Paulo, 1949.
- "O problema da atração do indígena brasileiro ao contato com o branco". *Folha da Manhã*, 19/6, S. Paulo, 1949. (32)
- "Akkulturation im Araguaya — Gebiet". *Anthropos* XLI-XLIV, Heft 4-6, Freiburg/Schweiz, 1949.
- "Novidades americanistas II". *O Estado de São Paulo*, 7/8, S. Paulo, 1949.
- "Sociedade Amigos do Índio". *Revista do Arquivo Municipal*, CXXVIII, S. Paulo, 1949. (33) (34)
- "Kanaschiwua und der Erwerb des Lichtes. Beitrag zur Mythologie der Karajá-Indianer". *Beiträge zur Gesellungs- und Völkerwissenschaft: Festschrift zum achtzigsten Geburtstag von Professor Richard Thurnwald*. Berlin, 1950. (35)
- "A alimentação dos índios do Brasil". *Sociologia*, XII, n. 1, S. Paulo, 1950.
- "Bebidas e narcóticos dos índios do Brasil". *Sociologia*, XII, nº 2, S. Paulo, 1950.
- "Lendas dos Índios Tereno". *Revista do Museu Paulista*, N.S., IV, S. Paulo, 1950.
- "A vida de Arthur Ramos e sua contribuição aos estudos indianistas". *Revista do Museu Paulista*, N.S., IV, S. Paulo, 1950.
- "Um indigenista do Brasil no sudeste norte-americano". *América Indígena*, XI, n. 1, México, 1951. (36)
- "Max Schmidt 1874-1950". *Revista do Museu Paulista*, N.S., V, S. Paulo, 1951. (37)
- "Tonscherbenfunde in Nordparaná". *Archiv für Völkerkunde*, VI/VII, Viena, 1951/52. (38)
- "Periódicos etnológicos em língua alemã". *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo*, Vol. XX, S. Paulo, 1952. (39)
- "Breve notícia sobre os Mbyá-Guarani de Guarita". *Revista do Museu Paulista*, N.S., VI, S. Paulo, 1952. (40)
- "Caracterização da cultura tapirapé". *Selected Papers of the XXIXth. International Congress of Americanists*, Chicago, 1952.
- "Terminologia de parentesco Kaingang". *Sociologia*, XIV, n. 1, S. Paulo, 1952. (41)
- "Karajá-Mythem". *Tribus: Jahrbuch des Lindenmuseums*, N.F., II/III (1952/53), Stuttgart, 1953.
- "Sinótese da História dos Kaingang paulistas". *São Paulo em Quatro Séculos*, I, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, S. Paulo, 1953. (42) (43)
- Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. Comissão do IV Centenário de São Paulo, S. Paulo, 1954. (44)
- "Bibliografia Comentada da Etnologia Brasileira (1943-1950)". *Série Bibliográfica de Estudos Brasileiros*, I, Rio de Janeiro, 1954. (45)
- "Richard Thurnwald 1869-1954". *Revista de Antropologia*, II, n. 1, S. Paulo, 1954.
- "Os Oti". *Revista do Museu Paulista*, N.S., VIII, S. Paulo, 1954.
- "Kritische Bemerkungen zu einem brasilianischen Thema". *Anthropos*, XLIX, Freiburg/Schweiz, 1954.
- "Publicações sobre os índios do Brasil nos últimos quinze anos (1939-1953)". *Sociologia*, XVI, n. 1, S. Paulo, 1954. (46)
- "Gegenwärtiger Stand der Völkerkunde des Schingü-Gebietes". *Sociologus*, N.S., IV, Berlim, 1954. (47).
- "Primitivos da Argentina". *Anhembi*, n. 39, S. Paulo, 1954.
- "Supernatural Relations with Animals among Indians of Eastern and Southern Brazil". *Proceedings of the Thirtieth International Congress of Americanists* (Cambridge, 1952), Londres, 1954. (48)
- "O estudo etnográfico do índio no Brasil". *Revista do Museu Paulista*, N.S., IX, S. Paulo, 1955. (49)
- "As danças dos Tapirapé". *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas* (São Paulo, 1954), I, S. Paulo, 1955.

- "Das Dualsystem der Kaingang-Indianer". *Actes du IV^e Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques (Vienne, 1952)*, II, Viena, 1955. (50)
- "Ethnologische und linguistische Forschungsaufgaben in Brasilien". *Actes IV Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques (Vienne, 1952)*, III, Viena, 1956.
- "Some Aspects of Tapirapé Morals". *Encyclopedia of Morals*, New York, 1956. (51)
- "As contribuições de Maximiliano, príncipe de Wied-Neuwied ao estudo dos índios do Brasil". *Anais da II Reunião Brasileira de Antropologia (Bahia, 1955)*, Salvador, 1957. (52)
- "A distinção entre pré-história e arqueologia". *Anais da II Reunião Brasileira de Antropologia (Bahia, 1955)*, Salvador, 1957.
- "Escola Vienense de Etnologia". *Anhembi*, XXV, nº 74, S. Paulo, 1957.
- "Primeira descrição sueca do Brasil". *Anhembi*, XXVI, nº 78, S. Paulo, 1957.
- "A casa-dos-homens". *Anhembi*, XXVII, nº 80, S. Paulo, 1957. (53)
- "Cândido Mariano da Silva Rondon 1865-1958". *Revista do Museu Paulista*, N.S., X, S. Paulo, 1956-58. (54) (55)
- "Die Jaguarzwillinge: Mythen und Heibringergeschichten, Ursprungssagen und Märchen brasilianischer Indianer", in *Das Gesicht der Völker*, Erich Röth-Verlag. Eisenach und Kassel, 1958.
- "Transformação cultural entre os japoneses do vale do Rebeira". *Folha da Manhã*, 18/6. S. Paulo, 1958.
- "Contribuições à linguística ge". *Miscellanea Paul Rivet octogenario dicata*, II, México, 1958.
- "Paul Rivet". *Anhembi*, n. 90, S. Paulo, 1958. (56)
- "O medo na cultura Tapirapé". *Anhembi*, n. 93, S. Paulo, 1958. (57)
- "A 'Etnologia Histórica' no Brasil". *O Estado de São Paulo*, 28/9, S. Paulo, 1959. (58)
- "Beiträge in deutscher Sprache zur Indianerforschung in Brasilien (1954-1958)". *Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde*, XXV, Hamburg, 1959. (59)
- "Curt Nimuendajá". *Jornal do Folclore*, ano I, n. 1, S. Paulo, 1960. (60)
- "Antropologia Aplicada e o indígena brasileiro". *Anhembi*, XL, n. 119, S. Paulo, 1960. (61) (62)
- "Kauí". *Veröffentlichungen des Museums für Völkerkunde zu Leipzig*, Heft 11, Berim, 1961.
- "Dringende Aufgaben für Amerikanisten". *Südamerika*, XII, Jg., Heft 1, Buenos Aires, 1961. (63) (64)
- "Os carimbos do índio do Brasil". *Revista do Museu Paulista*, N.S., XIII, S. Paulo, 1961/62. (65) (66)
- "Was ist seit 1500 aus dem Indianer Brasiliens geworden?". *Akten des 34 Internationalen Amerikanistenkongresses (Wien, 1960)*, Viena, 1962. (67)
- "Escarificação e tatuagem entre os índios do Brasil". *Humboldt: Revista para o Mundo Luso-Brasileiro*, ano 2, n. 3, Hamburgo, 1962. (68)
- Métodos e resultados da ação indigenista no Brasil". *Revista de Antropologia*, X, Nos. 1 e 2, S. Paulo, 1962. (69) (70)
- "Métraux e a Etnologia Brasileira". *Revista do Museu Paulista*, N.S., XIV, S. Paulo, 1963. (71) (72)
- "Sinopse da Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira (1953-1960)". *Arquivos do Instituto de Antropologia*, I, n. 2, Natal, 1964. (73)
- "O estado atual da Etnologia Brasileira". *América Latina*, ano 7, n. 4, Rio de Janeiro, 1964. (74)
- "Xamanismo e aculturação". *O Estado de São Paulo*, ns. 409 e 410, S. Paulo, 1964.
- "O xamanismo na aculturação de uma tribo tupi do Brasil Central". *Revista do Museu Paulista*, N.S., XV, S. Paulo, 1964. (75) (76) (77)
- "Rondon e o índio, no centenário de seu nascimento: 5 de maio de 1865". *Humboldt: Revista para o Mundo Luso-Brasileiro*, ano V, n. 12, Hamburgo, 1965. (78)
- "A contribuição de Anchieta ao conhecimento dos índios do Brasil". *Anchietana*, S. Paulo, 1965. (79)
- "O xamanismo". *Revista do Museu Paulista*, N.S., XVI, S. Paulo, 1965/66.
- "Harold Schultz 1909-1966". *Revista do Museu Paulista*, N.S., XVI, S. Paulo, 1965/66. (80) (81)
- "Mondfinsternis bei den Tapirapé". *Folk*, VIII-IX, Copenhagen, 1966/67.
- "Aspectos da organização social tapirapé: Tripartição, dualidade e grau de idade". *Revista do Museu Paulista*, N.S., XVII, S. Paulo, 1967. (82) (83)
- "Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira, Vol. II, Völkerkundliche Abhandlungen, Band IV, Hannover, 1868. (84)
- "Zur Häuptlingsfrage bei den Tapirapé". *Zeitschrift für Ethnologie*, Band 93, Heft 1, n. 2, Braunschweig 1968. (85)
- "Vertikale und horizontale Struktur in religiösen Weltbild südamerikanischer Indianer". *Anthropos*, 63/64, St. Augustin, 1968/69.
- "Schweizer als Indianerforscher in Brasilien". *Bulletin de la Société Suisse des Américanistes*, n. 33, Genève, 1969. (86)
- Tapirapé: tribo tupi do Brasil Central. *Brasiliana*, vol. 17, Cia. Ed. Nacional e Ed. da Universidade de São Paulo, S. Paulo, 1970. (87)
- Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira, Vol. I, Kraus Reprint, Völkerkundliche Abhandlungen, Vol. III, Nendeln/Liechtenstein, 1970. (88)
- "Jaká-Rendy". *Universitas — Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia*, 6/7, Salvador, 1971.
- "Einführung" (Symposium Neue Ergebnisse der Indianerforschung in Brasilien). *Verhandlungen des XXXVII Amerikanistenkongresses (Stuttgart-München, 1968)*, Band III, München, 1971. (89)
- "Curt Nimuendajá (1883-1945)". *Humboldt*, 28, München, 1973.
- "O visitante". In *Leituras de etnologia brasileira* (org. E. Schaden). Cia. Ed. Nacional, S. Paulo, 1976.
- Ensaio de etnologia brasileira*, 2ª edição. *Brasiliana*, Cia. Ed. Nacional, S. Paulo, 1979. (90)

Notas à Bibliografia de H. Baldus

- (1) Republicado, em língua alemã, como apêndice de *Indianerstudien im nordöstliche Chaco*, 1931.
- (2) Livro de 230 páginas. Neste mesmo ano, Baldus publicou, na Alemanha, a novela *Madame Lynch*.
- (3) Traduzido para o francês — “La ‘Mère commune’ dans la mythologie de deux tribus sudaméricaines (Kágaba et Tumerehá)” — por Alfred Métraux, e publicado na *Revista del Instituto de Etnología*, II, Tucumán, 1932. Também traduzido para o português — “A ‘Mãe Comum’ na Mitologia de Duas Tribos Sulamericanas (Kágaba e Tumerehá)” (1985) —, por Orlando Sampaio-Silva, como parte dos presentes estudos sobre a obra de Baldus.
- (4) Este artigo, em português — “A sucessão hereditária dos índios Tereno” —, foi publicado também na *Revista do Arquivo Municipal*, XVII, S. Paulo, 1935, e consta do *Ensaio de Etnologia Brasileira*, 1937.
- (5) Baldus trata, neste trabalho, dos índios Kaingá e Guaiaki. Sobre estes últimos, publicou outros artigos em 1943 e em 1946, tendo o autor destas *notas* encontrado referência a que estaria sendo publicado, *post-mortem*, o artigo “Die Guayaki”, em *Anthropos*, St. Augustin (cf. *Rev. do Museu Paulista*, N.S., 68/69), porém não localizou-o em volumes de *Anthropos*, a partir de 1970.
- (6) Livro de 346 págs., em sua primeira edição, prefaciada por Affonso d’Escragnole Taunay, que contém diversos ensaios que também foram publicados em periódicos, como no caso de “Os grupos de comer e os grupos de trabalho dos Tapirapé”, publicado, em alemão, em *Pindorama*, I, Jg., Heft 2/3, S. Paulo, 1937.
- (7) Consta deste ensaio o comentário de Baldus à monografia “Guaná”, de Max Schmidt, 1937.
- (8) Publicado, em português — “A mudança de cultura entre índios no Brasil” —, *Ensaio de Etnologia Brasileira* (1937).
- (9) Também está contido, em português, no *Dicionário de Etnologia e Sociologia* (H. Baldus e E. Willems), 1939.
- (10) 245 páginas.
- (11) Com pequenas modificações, foi publicado em *América Indígena*, IV, 1944, com o título: “Problemas Indigenistas no Brasil”, e, no *Boletim Geográfico*, ano V, n. 54, 1947.
- (12) Republicado no *Boletim Geográfico*, n. 47, Rio de Janeiro, 1947.
- (13) Baldus publicou, ainda, em 1940: “Nos sertões do Brasil de Fritz Krause”, in *Revista do Arquivo Municipal*, LXVI, S. Paulo, e “A viagem pelo Brasil do Spix e Martius”, idem, ibidem, LXIX.
- (14) Publicado anteriormente em *O Estado de S. Paulo*, 9, 11 e 16/9/43, e, posteriormente, no *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, 1949. Em 1943, foi também publicado, em espanhol, na *Revista Mexicana de Sociologia*, V, n. 2, México, e, ampliado, veio a integrar a Introdução ao primeiro volume da *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, 1954.
- (15) Também foi publicado no *O Estado de S. Paulo*, 22/6/44.
- (16) Esta comunicação, sendo mais ampla, contém o capítulo I de *Os Tapirapé, tribo tupí no Brasil Central*, livro editado em 1970.
- (17) Sob esse título, Baldus publicou, nos anos subsequentes, até 1949, ensaios, na *Revista do Arquivo Municipal*, vols. XCVI ao CXXXVII (exceto os vols. CVI, CXXV e CXXVI), os quais foram reunidos mais tarde, “com modificações e acréscimos”, em seu livro com o mesmo título já referido.
- (18) Contribuiu à área de Etnologia da 5ª edição do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, 1944, tendo sua colaboração sido reimpressa nas edições subsequentes do Dicionário.
- (19) Publicado originariamente em *O Estado de S. Paulo*, 22/11, S. Paulo, 1945, e, mais tarde, em versão em alemão, no *Deutsche-Blatter*, XXIX, Santiago do Chile, 1946.
- (20) Este necrológio foi publicado também no *O Estado de São Paulo*, 6/1, S. Paulo, 1946; com acréscimos, em *Sociologia*, VIII, n. 1, S. Paulo, 1946; na versão em inglês (tradução de Charles Wagley), no *American Anthropologist*, XLVIII, n. 2, 1946; idem, em alemão, em *Deutsche-Blatter*, XXXI, Santiago do Chile, 1946, tendo sido reeditado, mais tarde, em 1960, 1962 e 1973, “com ligeiras modificações”.
- (21) Publicado originariamente em *Acta Americana*, III, n. 4, México, 1945; posteriormente, no *Boletim Geográfico*, ano V, n. 53, Rio de Janeiro, 1947, e, atualizado e com complementações, sob o título “Indianerforschung in Brasilien”, no *Sociologus*, N.S., I, n. 1, Berlim, 1951.
- (22) Em 1945, Baldus publicou a Introdução e Notas, em *Os Caduveo*, de Guido Boggiani.
- (23) Livro de 121 páginas.
- (24) Em 1946, pronunciou o discurso de paraninfo à turma de bacharéis em Ciências Políticas e Sociais, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, o qual foi publicado no *Anuário* da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, S. Paulo, 1946.
- (25) Grande parte deste artigo veio a ser publicada, mais tarde, com modificações, in *Tapirapé: Tribo tupí no Brasil Central*, Cia. Ed. Nacional — Ed. da USP, S. Paulo, 1970.
- (26) Em 1947, foi publicada sua Introdução a *Índios de Mato Grosso*, de Erich Freundt.
- (27) Republicado em *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, 1949, sob o título “Etnologia”.
- (28) Republicado em *Revista do Arquivo Municipal*, CXLII, S. Paulo, 1951.
- (29) Os relatórios da Secção de Etnologia do Museu Paulista, sob a direção de H. Baldus, foram publicados naquele mesmo veículo, nos volumes dos anos: 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1956/58, 1959 e 1960.

(30) Em 1948, Baldus publicou, também:

— “Revista do Museu Paulista”, *O Estado de S. Paulo*, 17/4, S. Paulo;

— Introdução e Notas a “Contribuições para a Etnologia do Brasil”, de Paul Ehrenreich, in *Revista do Museu Paulista*, N.S., II;

— Comentário a “Bibliografia morfológica humana, da América do Sul”, de Juan Comas, *ibidem*;

— Comentários a “Prehistoric Ceramic Styles of Lowland South America”, de Georg D. Howard, *ibidem*.

(31) Prefácio à *Organização Social dos Tupinambá*, de Florestan Fernandes, 1949. Foi também publicado em *O Estado de S. Paulo*, 20 e 30/3, S. Paulo, 1949.

(32) Publicado novamente na *Revista do Arquivo Municipal*, CXLII, S. Paulo, 1951.

(33) Publicado anteriormente em *O Estado de S. Paulo*, 1/12, S. Paulo, 1948.

(34) Resenhas de autoria de Baldus publicadas em 1949:

— a Hans Krieg: “Zwischen Anden und Atlantic”, in *Revista do Museu Paulista*, N.S., III, S. Paulo;

— a Hilde Thurnwald: “Gengewartsprobleme Berliner Familien”, *ibidem*.

(35) Publicada a versão em português: *Cultura*, IV, Rio de Janeiro, 1951, sob o título: “Kanaschiwua”. Esta matéria complementa o ensaio “Mitologia Karajá e Tereno”, saído em *Ensaio de Etnologia Brasileira*, 1937.

(36) No mesmo ano foi editado em *Anhemi*, I, n. 2, S. Paulo, sob o título: “Entre índios norte-americanos”.

(37) Reeditado no *Boletim Bibliográfico de Antropologia Americana*, XIII, parte I, México, 1951, e, em alemão, no *Zeitschrift für Ethnologie*, LXXVI, Heft 2, Braunschweig, 1951.

(38) Em 1951, Baldus publicou na *Revista do Mus. Paulista*, N.S., V, S. Paulo, os seguintes fragmentos e resenhas:

— a “Der Mensch geringer Naturbeherrschung”, de Richard Thurnwald;

— a “Mythe, Mensch und Umwelt”, de Ad. E. Jensen;

— a “Nomads of the long bow”, de Allan R. Holmberg;

— a “Culture in crisis”, de Laura Thompson.

(39) No mesmo ano foi reeditado na *Revista do Mus. Paulista*, N.S., VI, S. Paulo.

(40) Transcrito na *Revista do Museu Júlio Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul*, n. 8, Porto Alegre, 1957, com omissão da bibliografia constante da primeira publicação.

(41) Baldus publicou ainda, em 1952:

— uma apresentação ao “Cenas da vida indígena”, Álbum dos índios do Xingu, de Manuel Rodrigues Ferreira;

— resenha de “Mythos und Kult bei Naturvölkern”, de Ad. E. Jensen, in *Revista do Mus. Paulista*, N.S., VI, S. Paulo;

— *idem* de “Des Menschegeistes Erwachen, Wachsen und Irren”, de Richard Thurnwald, *ibidem*;

— *idem* de “Personality and Government”, de Laura Thompson, *ibidem*;

— *idem* de “The Race Question in Modern Science”, de Juan Comas, *ibidem*.

(42) Reproduzido em *Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul*, n. 8, Porto Alegre, 1957.

(43) Outras publicações de Baldus, em 1953:

— “Psicologia Ética”, in *A Psicologia Moderna*, de Otto Klineberg e cols.;

— prefaciou o “Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuna”, de Koch-Grünberg, *Revista do Mus. Paulista*, N.S., VII, S. Paulo;

— resenha de “Tupari”, de Franz Gaspar, *ibidem*;

— *idem* de “Magic Books from Mexico”, de C. A. Burland, *ibidem*;

— fragmento sobre Julius F. Glück und F. Jäger: “Tribus”, *ibidem*.

(44) Livro de 859 páginas, na 1ª edição. Saiu em 2ª edição em 1970.

(45) Trata-se de um suplemento ao *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*, 1949. Esta bibliografia está contida no *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, 1954.

(46) Este trabalho é um resumo que complementa a *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, 1954.

(47) Reimpresso em *Südamerika*, IV, Buenos Aires, 1954.

(48) Em 1954, saiu a lume, com o *Vinte e três índios resistem à civilização*, de Harold Schultz, o prefácio de Baldus a essa obra.

(49) Editado em inglês: “The Ethnographical Study of the Brazilian Indian”, *Ethnos*, XX, Stockholm, 1955.

(50) Foram também publicados:

— “Der 31 Internationale Amerikanistenkongress”, *Sociologus*, N.S., V, 12, Berlim, 1955. A edição italiana deste mesmo artigo saiu na *Rivista di Etnografia*, VIII -IX, Napoli, 1955.

Resenhas:

— “Maximilian Prinz zu Wied”, de Röder e Trimborn, in *Anhemi*, n. 60, S. Paulo, 1955;

— “Allgemeine Völkerkund”, de Kuntz Dittner, in *Revista do Museu Paulista*, N.S., IX, S. Paulo, 1955;

- “Wild und Buschgeister in Südamerika”, idem;
- “Las Poblaciones Indígenas de la Argentina, su origen, su pasado, su presente”, de S. Canals Frau, idem.
- (51) Em 1956, ainda publicou: “Der 32 Internationale Amerikanistenkongress”, *Sociologus*, N.S., VI, 2, Berlim, tendo sido publicada a versão em português, em *Sociologia*, XVIII, n. 4, e a versão italiana, na *Rivista di Etnologia*, X, Napoli.
- (52) Versão abreviada, em alemão: “Maximilian Prinz zu Wied in seiner Bedeutung für die Indianer Forschung in Brasilien”, *Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists (Copenhagen, 1956)*, Copenhagen, 1958.
- (53) Este artigo foi publicado em versão para o alemão, em *Sociologus*, VIII, Berlim, 1958.
- (54) A revista *Anhembi*, n. 88, S. Paulo, 1958, reeditou este artigo.
- (55) Na *Revista do Mus. Paulista*, N.S., X, S. Paulo, 1956-58, Baldus publicou as seguintes resenhas:
- “Wörterbuch der Soziologie”, de Bernsdorf e Büllow;
 - “Poesias”, de José de Anchieta;
 - “Die Wiener Schule der Völkerkunde”, de J. Hackel.
- (56) O artigo sobre Rivet, no ano seguinte, foi novamente publicado: *Actas del XXXIII Congreso Internacional de Americanistas (San José da Costa Rica, 1958)*, I, San José da Costa Rica, 1959, e na *Revista do Mus. Paulista*, N.S., XI, S. Paulo, 1959.
- (57) Saiu publicado, também, nos *Anais da III Reunião Brasileira de Antropologia (1958)*, Recife, 1959, e, em inglês — “The Fear in tapirapé Culture” — in *Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences (Philadelphia, 1956)*, Philadelphia, 1960.
- (58) Neste artigo, o autor comenta o livro de Florestan Fernandes, *A Etnologia e a Sociologia no Brasil (1958)*, o que provocou a publicação, pelo autor comentado, de um artigo em resposta, cf. está referido no texto principal deste trabalho.
- (59) Em 1959, Baldus publicou, na *Revista do Mus. Paulista*, N.S., S. Paulo, os seguintes fragmentos e resenhas:
- “S. P. I. — 1954”;
 - “Zwettler-Codex 420”, de Pauke;
 - “Das Alte Amerika”, de Hermann Trimbom;
- “Culturas e línguas indígenas do Brasil”, de Darcy Ribeiro;
- “Arte plumária dos índios Kaapor”, de Darcy Ribeiro e Berta G. Ribeiro;
 - “Das Indianerbuch”, de Eva Lips;
 - “Tristes Trópicos”, de Claude Lévi-Strauss;
 - “Mandurucu Religion”, de Robert F. Murphy;
- “Lehrbuch der Völkerkunde”, de Adam e Trimbom;
 - “Völkedichtung der Ketschua”, de J. Lara;
 - “Etnografia de Mexico”;
 - “Sonderbauten südamerikanischer Naturvölker”, de Immuna Schömig;
 - “De passagem pelo Brasil e Portugal”, de Johan Brelin;
 - “Cott muss Peruaner sein”, de Hans-Dietrich Disselhoff;
 - “Völkedichtung der Keschua”, de L. Flachskampf e M. Trimbom;
 - “Les céramiques précolombiennes”, de H. Lekmann;
 - “Die sozialökonomischen Verhältnisse bei den Azteken im 15 und 16. Jahrhundert”, de Friedrich Katz;
 - “Grundfragen menschlicher Gesellung”, de R. Thurnwald;
 - Lehrbuch der Völkerkund. Leonard Adam und M. Trimbom.
- (60) Trata-se de publicação, com pequenas modificações, do artigo já divulgado em 1945 e 1946, sendo novamente editado em *Humboldt: Revista para o Mundo Luso-Brasileiro*, ano 2, n. 5, Hamburg, 1962.
- (61) Notas etnográficas, referentes principalmente aos Kaingang, ao “Diário de uma viagem pelo sertão de São Paulo, realizada em 1904”, de Cornélio Schmidt, publicado in *Anais do Museu Paulista*, XV, S. Paulo, 1961.
- (62) Em 1960, Baldus fez acréscimos etnográficos à 10ª edição do *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*;
- No mesmo ano, publicou notas e resenhas diversas:
- “O XXXIV Congresso Internacional de Americanistas”. *Sociologia*, XX, n. 4, S. Paulo;
 - “Die amerikanische ‘Cultural Anthropology’ und das Wertproblem”, de Wolfgang Rudolf, in *Revista do Mus. Paulista*, N.S., XII, S. Paulo;
 - “História da Cultura”, de Birket-Smith, idem;
 - “Ethnographic Interpretations”, de A. L. Kroeber, idem;
 - “Xingu”, de Wustmann, idem;
 - “Compêndio alemão de etnologia”, *Anhembi*, n. 111, S. Paulo;
 - “Homenagem a Paul Rivet”, idem, n. 118.
- (63) Republicado em *Akten des 34 Internationalen Amerikanistenkongress (Wien, 1960)*, Viena, 1962, e, no *Bulletin of the International Committee on Urgente*

- Anthropological and Ethnological Research*, n. 5, Viena, 1962.
- (64) Baldus foi o compilador e selecionou estórias e lendas publicadas por diversos autores, tendo os textos sido adaptados por Afonso Schmidt, sendo publicados, com introdução de sua autoria, em "Estórias e lendas dos índios", *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, I, S. Paulo, 1960.
- (65) Um resumo deste substancioso ensaio foi publicado em língua alemã: "Die Stempel der Indianer Barasiliens", *Anthropos*, LVII (Festschrift für P. Martin Gusinde), St. Augustin, 1962.
- (66) Resenhas e comentários:
- "Chiliasmus und Nativismus", de Wilhelm E. Mühlmann, in *Revista do Mus. Paulista*, N.S., XIII, S. Paulo, 1961/62, saiu, mais tarde, publicado no *Jornal Brasileiro de Psicologia*, I, n. 1, 1964;
 - "Grundprinzipien einer Periodisierung der Urgeschichte", de Irmgard Sellnow, in *Revista do Mus. Paulista*, N.S., XIII, S. Paulo, 1961/62;
 - "Kinder der Erdgöttin", de Hans-Dietrich Ditselhoff, idem;
 - Comentário a Luiz Pericot y Garcia: *América Indígena*, tomo I, idem.
- (67) Também publicado em *Humboldt: Revista para o Mundo Luso-Brasileiro*, n. 4, Hamburgo, 1962, e, mais tarde, no *Brasilianisch Tage*, in Ingelheim am Rhein, 25/4/1970.
- (68) Este trabalho se constitui na maior parte do artigo "Os Tapirapé, tribo tupi no Brasil Central", in *Rev. do Arquivo Municipal*, CVII, S. Paulo, 1946, o qual, posteriormente modificado, veio a integrar o livro *Tapirapé: Tribu tupi no Brasil Central*, Cia. Ed. nacional-Ed. da USP, S. Paulo, 1970.
- (69) Voltou a ser publicado: "Metodos y resultados de la acción indigenista en el Brasil", *Actas y Memorias del XXXV Congreso Internacional de Americanistas*, México, 1964, pois fora comunicação apresentada a este congresso, no México, a 21 de agosto de 1962.
- (70) Prefaciou a *História da Cultura*, de Birket-Smith, 1962.
- (71) Proferiu discurso, na qualidade de Presidente da VI Reunião Brasileira de Antropologia. Publicado in *Revista do Mus. Paulista*, N.S., XIV, S. Paulo, 1963.
- (72) Prefaciou a 2ª edição de *A Organização Social dos Tupinambá*, de Florestan Fernandes, S. Paulo, 1963.
- (73) Versão em inglês, sob o título: "Synopsis of the Critical Bibliography of Brazilian Ethnology, 1953-1960", in *Indians of Brazil in the Twentieth Century*, Washington, 1967.
- (74) Este trabalho complementa o "Sinopse da Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira (1953-1960)" (1964). Foi publicado também no *Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research*, Nº 7, Viena, 1965, sob o título: "Introdução ao simpósio sobre o estado atual de Etnologia na América Latina", saiu publicado na *Actas y Memorias*, III, do XXXVI Congresso internacional de Americanistas, Sevilha, 1966.
- (75) Outras publicações do mesmo artigo: in *Humboldt: Revista para o Mundo Luso-Brasileiro*, XIV, Hamburgo, 1966, in *Actas y Memorias del XXXVI Congreso Internacional de Americanistas*, III, Sevilha, 1966, e, em inglês, in *Natives South Americans*, Ethnology of the Least Known Continent, Little, Brown and Co., Boston, 1974.
- (76) Prefaciou o *Folclore Nacional*, de A. Maynard de Araújo, S. Paulo, 1964.
- (77) Resenhas e comentários:
- "Waika", de Otto Zerries, *Revista do Mus. Paulista*, N.S., XV, S. Paulo, 1964;
 - "Die Tacana", de Hissink und Hahn, idem;
 - H. Hartmann: Georg Catlin und Balduin Möllhausen, idem.
- (78) Publicado, em língua francesa, no *Bulletin de la Société Suisse des Américanistes*, n. 29, Genève, 1965; saiu também, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, LXII, S. Paulo, 1966.
- (79) Reeditado no *Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo*, vol. 3, n. 1-2, Assunção, 1968.
- (80) Este necrológico, traduzido para o inglês por David Maybury Lewis, foi publicado em *American Anthropologist*, LXVIII, n. 5, Menasha, 1966; identicamente editado em *Humboldt*, n. 16, Hamburgo, 1967.
- (81) Resenhas e fragmentos:
- "Aculturação Indígena", de Egon Schaden, *Revista do Mus. Paulista*, N.S., XVI, S. Paulo, 1965/66;
 - "The use of some specific kinds of South American Indian Snuff and Related Paraphernalia", de S. Henry Wassen, idem;
 - "Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupa, Rio das Amazonas", de Maurício de Heriarte, idem;
 - "Manual de Arqueologia", de José Alcina Franck, idem.
- (82) Este trabalho também foi publicado anteriormente em *Actas y Memorias*, XXXVII Congresso Internacional de Americanistas (Argentina, 1966), Vol. III, Buenos Aires, 1968, e, posteriormente, veio a constar do livro: *Tapirapé, tribo tupi do Brasil Central*, 1970.
- (83) Resenhas e comentários:
- "Akawê-Shavante Society", de David Maybury-Lewis, in *Revista do Mus. Paulista*, N.S., XVII, S. Paulo, 1967; nesta resenha saiu também publicada em *Sociologus*, XVIII, Berlim, 1968;
 - "Material Culture of the Waiwái", de Jens Yde, idem;

SAMPAIO-SILVA, O. Herbert Baldus: vida e obra — Introdução ao indigenismo de um americanista teuto-brasileiro. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*. S. Paulo, 2:91-114, 1992.

- “Viaggi tra gli Indi”, de Ettore Biocca, idem;
— P. Florian Paucke S.J. — Zwettler-Codex 420, II, idem.
- (84) Com 864 páginas.
(85) Saiu publicado o *Viagem pelo Brasil*, de Spix e Martius, com Introdução de Baldus, 1968.
(86) Publicado o *Viagens ao Brasil*, de Maximiliano, Príncipe de Wied, identicamente com Introdução de Baldus, 1969.
- (87) Contém artigos publicados sobre os índios Tapirapé, a partir de 1944, aumentados e modificados.
(88) 2ª edição.
(89) Trata-se da Introdução (“Einführung”) à *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, Vol. II (1968).
(90) Apresentação de Egon Schaden.

(Os estudos sobre H. BALDUS e sua obra, que possibilitaram a elaboração deste trabalho, foram concluídos pelo autor, prof. Orlando Sampaio-Silva, em setembro de 1985).

Recebido para publicação em 20 de maio de 1992.